

O Pontífice foi em visita pastoral à paróquia romana de São Júlio

## Jesus é fiel até quando duvidamos



Quando o crente «tem dúvidas», é preciso «apostar em algo: na fidelidade de Jesus», que é «o único totalmente fiel». Quem recebeu este conselho espiritual foram as crianças e os jovens da paróquia romana de São Júlio, no bairro de “Monteverde vecchio”, onde o Papa foi em visita pastoral na tarde de 7 de abril. O Pontífice encontrou-se com eles na estrutura montada em 2015 após a queda de algumas partes do teto da igreja, hoje reestruturada e inaugurada precisamente pelo bispo de Roma, que ali celebrou a missa, presidindo ao rito da dedicação do altar.

As crianças, o Papa confidenciou que também ele teve «muitas dúvidas» na vida. E conseguiu superá-las não só graças à «companhia de alguém», mas sobretudo falando sobre isto com Jesus. Ele, explicou, «gosta de ver a verdade do nosso coração». Por isso, «a Jesus é preciso dizer as coisas sempre como tu as sentes». E «Ele é muito paciente, espera por nós».

Precedentemente, Francisco encontrou-se com os doentes e os idosos numa sala do complexo paroquial, recordando-lhes que o Se-

nhor transforma os sofrimentos «em oração, apresentando-as ao Pai». Em seguida, encontrou-se com um grupo de recém-casados e com os casais que frequentam os cursos de preparação para o matrimónio, definidos pelo Papa «um caminho, um catecumenado», destinado a continuar inclusive depois do casamento. Em seguida, o Pontífice encontrou-se com os voluntários e os assistidos pela Cáritas – entre os quais, alguns desabrigados, acolhidos pela paróquia durante a emergência invernal – e recordou a importância da oração e da caridade na vida da comunidade.

Após a saudação a quantos se engajaram de várias formas na realização dos trabalhos de reestruturação durante os últimos três anos, dirigiu-se às crianças e aos jovens que se preparam para a Comunhão e a Confirmação. Na conclusão, o breve encontro com os sacerdotes, no final do qual Francisco confessor três jovens e uma mãe. A visita terminou com a missa celebrada na renovada igreja.

PÁGINA 2

*Lectio divina de Francisco*

Do pensamento único à mística do “nós”

PÁGINA 6

O Papa falou da viagem a Marrocos

### Fraternidade entre católicos e muçulmanos



Na audiência geral de quarta-feira, 3 de abril, o Santo Padre percorreu as etapas da viagem que fez a Marrocos nos dias 30 e 31 de março, frisando que não nos devemos assustar com as diferenças entre as diversas religiões mas com a falta de fraternidade.

PÁGINA 3

Publicada a exortação pós-sinodal sob forma de Carta aos jovens

## Christus vivit

«Uma carta que evoca algumas convicções da nossa fé e, ao mesmo tempo, encoraja a crescer na santidade e no compromisso pela nossa vocação»: o próprio Papa Francisco sintetizou assim o espírito da exortação apostólica *Christus vivit*, que reúne os frutos do Sínodo dos bispos realizado no Vaticano de 3 a 28 de outubro do ano passado sobre o tema «Os jovens, a fé e o discernimento vocacional».

Subdividido em nove capítulos, num total de 299 números, o documento – apresentado na manhã de 2 de abril, na Sala de imprensa da Santa Sé – destina-se às novas gerações do mundo mas dirige-se «contemporaneamente a todo o povo de Deus, aos pastores e aos fiéis». Porque, explicou o Pontífice, «ser jovem, mais que uma idade, é um estado do coração». E por conseguinte também «uma instituição antiga como a Igreja» pode «renovar o seu ardor espiritual e o seu vigor apostólico» na escola dos jovens, aprendendo deles – em particular do testemunho de santos como Sebastião, Francisco de Assis, Joana d’Arc, André Phü Yén, Kateri Tekakwitha, Domingos Sávio, Teresa do Menino Jesus, Ceferino Namuncurá, Isidoro Bakanja, Pier Giorgio Frassati, Marcel Callo, Chiara Badano e Carlo Acutis – o segredo para «permanecer jovem».

O Papa Francisco começa por um cenário realista do atual universo juvenil, com as suas especificidades, os seus dramas, as suas aspirações, e por isso trata temáticas de urgente atualidade, como guerra, violência, exploração, sexualidade, novas



tecnologias, migrações, abusos contra menores. Fazendo-o, no entanto, com o olhar positivo de quem vê o futuro com esperança, convidando os jovens a ter presente que «de todas as situações obscuras e dolorosas sobre as quais falamos há uma saída». «Não deixes que te roubem a esperança e a alegria» exortou o Pontífice, que às novas gerações do planeta propõe uma tripla verdade: «Deus ama-te», «Cristo salva-te», «Ele vive».

PÁGINAS 8 A 11

Francisco visitou a paróquia romana de São Júlio

## Jesus é fiel até quando duvidamos

O Papa Francisco que derrama o crisma e unge solenemente o novo altar: eis o momento mais intenso e simbolicamente significativo da visita pastoral do Pontífice, realizada na tarde de 7 de abril, à paróquia romana de São Júlio, no bairro de “Monverde vecchio”. Aquele gesto lento de espalhar o óleo com a mão, quase como numa carícia que tocou com cuidado cada centímetro da superfície da nova mesa eucarística, foi a catequese mais eloquente oferecida à comunidade reunida – depois de três anos e meio de trabalhos que, por causa da queda de algumas partes do teto da igreja, obrigaram a transferir todas as celebrações para uma estrutura adjacente – na igreja completamente reestruturada e, para essa ocasião, novamente dedicada como casa do povo de Deus. Durante a visita pastoral, encontrando-se com as crianças e os adolescentes da paróquia, o Santo Padre respondeu a algumas perguntas que lhe foram dirigidas pela pequena Eleonora e pela jovem Carlotta. Publicamos a seguir a transcrição do diálogo.

*[Eleonora]: Vossa Santidade deu de comer pessoalmente aos pobres?*

Sim, fi-lo várias vezes, é algo que todos os cristãos devem fazer, dar de comer pessoalmente aos pobres. Num momento da vida, todos nós éramos como os pobres, não sabíamos comer, foi a mãe que nos amamentou, que nos fez crescer, que nos deu de comer... Também nós! Outros não têm o que comer, nem sequer quando são adultos; crianças como tu, por exemplo, não têm o que comer porque o pai não tem um trabalho e então naquela casa há fome. Todos nós deveríamos fazer sempre este gesto de dar de comer aos outros, como Deus nos dá de comer a nós. Obrigado!

*[Carlotta]: Santo Padre, boa tarde! Sou Carlotta, tenho 20 anos e sou um dos animadores de adolescentes. Nestes meses refletimos com os jovens sobre a relação com Deus e, ao longo do percurso, surgiram algumas dúvidas. Como Jesus disse: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”; também nós, quando a vida nos põe à prova, fazemos a mesma pergunta. Como nos podemos confiar incondicionalmente a Ele? Também Vossa Santidade duvidou durante o seu percurso? Se aconteceu, como voltou a encontrar a fé?*

Obrigado! Todos, todos os homens, todas as mulheres, todas as



crianças, num determinado momento, têm dúvidas; duvidar faz parte da vida. E duvidar é também um pouco pôr Deus à prova: se é verdade que Ele é fiel, se é verdade que Ele nos ouve... As nossas dúvidas surgem, por exemplo, quando há uma doença em família, ou quando vem a faltar o pai, a mãe, o avô, a avó, o irmão... “Senhor, porquê?”. Surgem sempre dúvidas. Naquele momento devemos apostar numa coisa: na fidelidade de Jesus. Jesus é fiel, é o único totalmente fiel. Somos fiéis aos amigos, mas às vezes não somos fiéis entre nós. Jesus, ao contrário, sempre! É uma fidelidade que nunca desilude; mais cedo ou mais tarde, o Senhor faz-se ouvir. Não tenhais medo das dúvidas, não tenhais receio de duvidar. Duvido, mas posso compartilhar esta dúvida com os outros, debater e assim crescer. Não tenhais medo! Tu, como responsável dos crismandos, ensina-lhes a duvidar bem, porque se não aprenderem a duvidar, farão do Crisma aquilo que alguns romanos dizem: o “sacramento do adeus”. Depois do Crisma, tudo de bom e já não nos vemos... E vão-se embora, porque não sabem como gerir as dúvidas. Ao contrário, se tu, como responsável, lhes ensinar a duvidar bem e a procurar respostas fortes e verdadeiras às dúvidas, prepará-los-á para que o Crisma não seja o sacramento do adeus, mas o Sacramento da força, que o Espírito Santo nos concede. Não sei se respondi... ou queres que diga algo mais...

*[Carlotta]: Com os jovens perguntamos se também Vossa Santidade, que é o maior representante da fé, se na sua vida nunca lhe aconteceu de ter fortes dúvidas, que o puseram verdadeiramente à prova, e como conseguiu resolvê-las.*

Tive muitas dúvidas, muitíssimas! Diante das calamidades, mas também perante aquilo que tinha acontecido na minha vida. Como consegui resolver... Acho que não resolvi sozinho, nunca podemos sair sozinho da dúvida. É necessária a companhia de alguém que te ajude a ir em frente, por isso é importante estar sempre em grupo, juntos, com os amigos... Sozinho nunca conseguimos. É útil também falar das dúvidas com os pais ou com os amigos, ou com um catequista... falar sempre com outra pessoa. E depois falar das dúvidas com Jesus. Certa vez ouvi alguém dizer: “Não falo com Jesus, porque Ele me arruinou a vida. Estou zangado com Jesus...”. Mas zangar-se com Jesus pode ser também um modo de rezar; significa dizer a Jesus: “Olha para isto, faz-me zangar...”. Jesus gosta de ver a verdade do nosso coração. Não finjamos diante de Jesus! Diante de Jesus é preciso dizer sempre como nos sentimos. “Tenho esta dúvida, não acredito... Tenho esta, aquela...”. Falemos assim, esta é uma bonita prece, e Ele é muito paciente, espera por nós!

Há alguns dias recebi uma carta de um jovem de aproximadamente 30 anos, o qual me dizia que depois

de uma experiência de noivado fracassado estava muito angustiado. Dizia-me assim: “Estou farto!”. Sentimo-nos assim muitas vezes, dilacerados dentro, totalmente destruídos, com a grande dúvida total: que posso fazer? Olha para Jesus, queixa-te com Ele e procura um amigo, uma amiga que te ajude a levantar-te. Sempre, mesmo quando estamos no chão – e na vida todos caímos, todos – devemos ajudar quem caiu a levantar-se. E pensai que o único momento em que é lícito olhar para uma pessoa de cima para baixo é para a ajudar a erguer-se, caso contrário não se pode olhar com superioridade. Ensina também isto. Obrigado!

*[Um dos animadores]: Santidade, agora Greta e Maria Chiara gostariam de lhe entregar alguns desenhos feitos pelas crianças da Escola primária da “Piazza Forlanini”, que incluem um projeto caritativo denominado “Eccediamo” [Exageremos], que consiste em distribuir os lanches que sobraram às pessoas mais necessitadas. [Entrega dos dons – Recitação da Ave-Maria e Bênção].*

E rezai por mim! Mas vi algo estranho ali... Sabeis fazer bem o sinal da Cruz? Mostrai-me... “Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”, e alguns fazem assim [imita o sinal da Cruz mal feito]. Façamo-lo juntos, bem! “Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. E deveis fazê-lo deste modo. Até à vista. Obrigado!

### L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL • EM PORTUGUÊS  
Unicuique suum • Non praevalebunt

Cidade do Vaticano  
ed.portugues@ossrom.va  
www.osservatoreromano.va

ANDREA MONDA  
diretor  
Giuseppe Fiorentino  
vice-diretor  
Alicia Lopes Araújo  
redatora-chefe  
Redação

via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano  
telefone +390669899420 fax +390669883675

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE  
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico  
telefone +390669884797  
fax +390669884998  
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: € 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuário, televidens: 0800-160004, fax: 0052123042036, e-mail: sac@editorasantuario.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@ilsole24ore.com

CATEQUESE

O Papa recordou a viagem a Marrocos

## Deus quer a fraternidade entre cristãos e muçulmanos

*Não nos devemos assustar com as diferenças mas sim com a falta de fraternidade, afirmou o Papa na audiência geral de quarta-feira, 3 de abril, na praça de São Pedro, recordando os momentos mais significativos da viagem realizada a Marrocos a 30 e 31 de março.*

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Sábado e domingo passados realizei uma viagem apostólica a Marrocos, a convite de Sua Majestade o Rei Mohammed VI. A ele e às Autoridades marroquinas renovo a minha gratidão pelo acolhimento caloroso e por toda a colaboração, especialmente ao rei, o qual foi muito fraterno, amigo e próximo.

Sobretudo, agradeço ao Senhor, que me permitiu dar outro passo no caminho do diálogo e do encontro com os irmãos e as irmãs muçulmanos, para ser – como dizia o lema da Viagem – «Servidor da esperança» no mundo de hoje. A minha peregrinação seguiu as pegadas de dois Santos: Francisco de Assis e João Paulo II. Há 800 anos Francisco levou a mensagem de paz e de fraternidade ao Sultão

al-Malik al-Kamil; em 1985 o Papa Wojtyła realizou a sua memorável visita ao Marrocos, depois de ter recebido no Vaticano – primeiro Chefe de Estado muçulmano – o Rei Hassan II. Mas alguém poderia perguntar: por que o Papa visita os muçulmanos e não só os católicos? Porque há muitas religiões, e por que há muitas religiões? Juntamente com os muçulmanos somos descendentes do mesmo Pai, Abraão: por que Deus permite que haja muitas religiões? Deus quis permitir isto: os teólogos da Escolástica faziam referência à *voluntas permissiva* de Deus. Ele quis permitir esta realidade: há muitas religiões; algumas nascem da cultura, mas olham sempre para o céu, olham para Deus. No entanto, o que Deus quer é a fraternidade entre nós e de modo especial – eis o motivo desta viagem – com os nossos irmãos filhos de Abraão como nós, os muçulmanos. Não nos devemos assustar com a diferença: Deus permitiu isto. Devemos assustar-nos se não agirmos na fraternidade, para caminhar unidos na vida. Servir a esperança, num tempo como o nosso significa, antes de



tudo, construir pontes entre as civilizações. Para mim foi uma alegria e uma honra poder fazê-lo com o nobre Reino de Marrocos, encontrando-me com o seu povo e os seus governantes. Recordando algumas importantes cimeiras internacionais que nos últimos anos se realizaram naquele país, juntamente com o rei Mohammed VI reiteramos o papel essencial das religiões em defender a dignidade humana e em promover a paz, a justiça e o cuidado da criação, isto é, da nossa casa comum. Nesta perspetiva assinamos juntamente com o rei um Apelo a favor de Jerusalém, para que a Cidade santa seja preservada como património da humanidade e lugar de encontro pacífico, espe-

cialmente para os fiéis das três religiões monoteístas.

Visitei o Mausoléu de Mohammed V, homenageando a sua memória e a de Hassan II, e também o Instituto para a formação de imãs, de pregadores e pregadoras. Este Instituto promove um Islão respeitador das outras religiões e rejeita a violência e o integralismo, ou seja, afirma que somos todos irmãos e que devemos trabalhar pela fraternidade.

Dediquei atenção particular à questão migratória, quer falando às Autoridades, quer, sobretudo, no encontro dedicado especificamente aos migrantes. Alguns deles testemunharam que a vida de quem emigra muda e volta a ser humana quando encontra uma comunidade que o acolhe como pessoa. Isto é fundamental. Precisamente em Marrakech, Marrocos, em dezembro passado foi ratificado o “Pacto mundial para uma migração segura, ordenada e regular”. Um passo importante rumo à responsabilização da comunidade internacional. Como Santa Sé oferecemos o nosso contributo que se resume em quatro verbos: acolher os migrantes, proteger os migrantes, promover os migrantes e integrar os migrantes. Não se trata de impor do alto programas assistenciais, mas de percorrer unidos um caminho através destas quatro ações, para construir cidades e países que, mesmo conservando as respetivas identidades culturais e religiosas, estejam abertos às diferenças e saibam valorizá-las no sinal da fraternidade humana. A Igreja em Marrocos está muito engajada na proximidade aos migrantes. Não gosto de dizer *migrantes*; prefiro *pessoas migrantes*. Sabeis porque? Porque *migrante* é adjetivo, e o termo *pessoa* é um substantivo. Caímos na cultura do adjetivo: usamos muitos adjetivos e esquecemo-nos muitas vezes dos substantivos, isto é, da substância. O adjetivo está sempre ligado a um substantivo, a uma pessoa; portanto uma *pessoa migrante*.

Saudação a um coral belga de idosos doentes de Alzheimer

## Arco-íris de fragilidades

*Antes da audiência geral, num espaço adjacente à sala Paulo VI, o Papa recebeu os membros do coral “Arcobaleno” da casa de repouso para doentes de Alzheimer de Bonheiden, na Bélgica. Eis as palavras de Francisco.*

Obrigado, obrigado irmãos e irmãs, muito obrigado! O meu secretário aqui diz-me: foi a coisa mais bonita que vi com o Papa.

Quando vi que na vossa casa, que recebe pessoas doentes de Alzheimer, existe um coral chamado “Arcobaleno” [Arco-Íris], dei graças ao Senhor! Porque acho que para vós, cantar juntos é uma consolação, um apoio, que vos ajuda a ir em frente e a suportar o peso da enfermidade, a qual certamente se faz sentir. Aliás, creio que o vosso canto se torna mais precioso graças à vossa vulnerabilidade! Penso que pôr em comum as nossas fragilidades e aceitá-las reciprocamente é o “canto” mais bonito, a harmonia mais agradável a Deus, um “arco-íris” não de perfeições, mas de *imperfeições*!

Depois, quando vi o maestro, pensei: esqueceu-se da batuta! Mas em seguida vi que a sua varinha é a ternura. Obrigado, senhor maestro, porque realizando gestos de ternura o senhor torna-nos todos mais humanos. E com a sua ternura, a vossa ternura, a ternura de todos, hoje cumprimos o quarto mandamento: honrar os idosos, que são a nossa memória. Talvez alguns deles tenham perdido a memória, mas eles são o símbolo da memória de um povo, são as raízes da vossa pátria, da



nossa humanidade. São as raízes, e os jovens devem ir ali a fim de haurir das raízes a seiva para fazer com que a civilização progrida.

Muito grato, obrigado de coração! E agora conceder-vos-ei a Bênção e depois passarei para saudar cada um. Peço-vos que oreis por mim. *Le Seigneur vous bénisse tous, le Père, le Fils et le Saint Esprit.*



Diálogo do Pontífice com os jornalistas durante o voo de retorno de Marrocos

## Quem constrói muros acaba por ser prisioneiro

A bordo do Boeing 737 da Royal Air Maroc que o trazia de volta para Roma, o Papa Francisco, como de costume, encontrou-se com os jornalistas e conversou com eles por mais de quarenta minutos acerca do diálogo com os muçulmanos, da declaração sobre Jerusalém, dos migrantes e da Europa, do caso do cardeal Barbarin, da liberdade de consciência em risco nos países de tradição cristã, fazendo também uma referência ao diabo.

[*Siham Toufiki, Agência Map*]: Houve momentos muito fortes, esta visita foi um acontecimento excepcional, histórico para o povo marroquino. Quais serão as suas consequências para o futuro, para a paz no mundo, para a convivência no diálogo entre culturas?

Diria que agora temos as flores; os frutos virão depois! Mas as flores são promissoras. Estou feliz pela possibilidade que tive, nestas duas viagens [Emirados Árabes Unidos e Marrocos], de falar sobre uma realidade que me está muito a peito: a paz, a unidade, a fraternidade. Com os irmãos e irmãs muçulmanos, selamos esta fraternidade no Documento de Abu Dhabi e aqui, em Marrocos, foi o que todos vimos: uma liberdade, uma fraternidade, uma hospitalidade; todos irmãos, com um respeito muito grande. E esta é uma linda «flor», uma bela flor de convivência que promete dar frutos. Não devemos desistir! É verdade que ainda haverá dificuldades, haverá muitas dificuldades, porque existem, infelizmente, grupos intransigentes. Mas gostaria de reiterar aqui e deixar claro: em toda a religião, há sempre um grupo fundamentalista, que não quer avançar e vive de amargas recordações, das lutas passadas; prefere a guerra e semeia o medo. Nós vimos que é mais belo semear esperança: semear a esperança e caminhar de mãos dadas, sempre para diante. Vimos que, no diálogo convosco aqui em Marrocos, são necessárias pontes, e ficamos tristes quando vemos pessoas que preferem construir muros. Porque é que ficamos tristes? Porque aqueles que constroem muros, acabarão prisioneiros dos muros que edificam. Pelo contrário, aqueles que constroem pontes, irão tão longe. A meu ver, construir pontes é algo que ultrapassa o humano, porque se torna necessário um esforço muito grande. Impressionou-me imenso uma frase do escritor Ivo Andrić, no romance *A ponte sobre o Drina*: diz que a ponte é feita por Deus com as asas dos anjos para que os homens comuniquem, entre as montanhas e as margens de um rio, para que os homens possam comunicar entre si. A ponte serve para a comunicação humana. Isto é muito belo e vi-o em Marrocos. Pelo contrário, os muros são contra a comunicação, são para o isolamento, e fica-se prisioneiro de tais muros... Assim, resumindo: os frutos não se veem, mas veem-se muitas flores que darão frutos. Continuemos para diante assim.

[*Nadia Hammouchi, Rádio 2M*]: Vossa Santidade encontrou-se com o rei de Marrocos e a sua vontade de diálogo. O que é preciso fazer concretamente para fortalecer o diálogo?

Quando existe um diálogo fraterno, sempre há um relacionamento a vários níveis. Permiti-me uma imagem: o diálogo não pode ser «de laboratório»; deve ser humano. E, se é humano, faz-se com a mente, com o coração e com as mãos; assim se fazem pactos e se assinam. Por exemplo, o Apelo Comum sobre Jerusalém foi um passo em frente realizado, não por uma autoridade de Marrocos e por uma autoridade do Vaticano, mas por irmãos crentes que sofrem ao ver que esta «Cidade da Esperança» ainda não é tão universal como desejamos todos: judeus, muçulmanos e cristãos. Todos queremos isto. E, por isso, assinamos este voto: mais do que um acordo, é um voto, um apelo à fraternidade religiosa que é simbolizada por aquela cidade que é de nós todos. Somos todos cidadãos de Jerusalém, todos os crentes. Não sei se era esta a pergunta que me querias fazer.



Gostei também do encontro com alguns líderes religiosos respeitadores e desejosos de dialogar. Os vossos líderes religiosos são fraternos, estão abertos... É isto é uma graça. Continuemos para diante por esta estrada.

[*Nicolas Senèze, La Croix*]: Ontem, o rei de Marrocos disse que protegerá os judeus marroquinos e os cristãos de outros países que vivem em Marrocos. A pergunta é sobre os muçulmanos que se convertem ao cristianismo: está preocupado com estes homens e mulheres que correm risco de prisão ou outros países muçulmanos são condenados à morte? Outra pergunta sobre o cardeal Barbarin: esta semana, o conselho da diocese de Lião votou, quase por unanimidade, que se encontre uma solução duradoura para o seu afastamento. É possível para Vossa Santidade, que tem muito a peito a sinodalidade da Igreja, ouvir este apelo de uma diocese numa situação muito difícil?

Posso dizer que, em Marrocos, há liberdade de culto, há liberdade religiosa, há liberdade de pertencer a um credo religioso. Naturalmente a

liberdade sempre se vai desenvolvendo, cresce... Pensei em nós cristãos: há trezentos anos, havia esta liberdade que temos hoje? A fé cresce na consciência, na capacidade de se compreender a si mesma. Um monge francês do século V, Vicente de Lérins, cunhou uma expressão muito bela para ilustrar como se pode crescer na fé, explicar melhor as coisas, crescer também na moral, mas permanecendo sempre fiéis às raízes. Disse três expressões, que assinalam a estrada: crescer na explicitação e na consciência da fé e da moral deve ser de tal modo *ut annis consolidetur, dilatetur tempore, sublimetur actate*, isto é, o crescimento deve ser consolidado nos anos, ampliado no tempo, mas é a mesma fé que é sublimada com os anos. Assim se compreende, por exemplo, que hoje tenhamos tirado, do *Catecismo da Igreja Católica*, a pena de morte. Há trezentos anos, queimavam vivos os hereges. Porque a Igreja cresceu na consciência moral, no respeito pela pessoa. E de igual modo cresce a liberdade de culto; também nós devemos continuar a crescer. Há católicos que não

consciência, por exemplo, quanto à eutanásia. Como é possível? A Igreja avançou e vós, países cristãos, recuais? Pensei nisto, porque é verdade. Hoje nós, cristãos, corremos o perigo de alguns Governos nos tirarem a liberdade de consciência, que é o primeiro passo para a liberdade de culto. Não é fácil a resposta! Mas não nos limitemos a acusar os muçulmanos; acusemo-nos também a nós próprios, pensando nestes países onde acontece isto que nos deve encher de vergonha.

Depois, sobre o cardeal Barbarin: homem da Igreja, apresentou a demissão, mas eu moralmente não posso aceitá-la, porque juridicamente — mesmo na jurisprudência mundial clássica — há a presunção de inocência, durante o tempo em que a causa está aberta. Ele recorreu em apelação, e a causa está aberta. Quando o tribunal de segunda instância pronunciar a sentença, vamos ver o que acontece. Mas há sempre a presunção de inocência. Isto é importante, porque vai contra a superficial condenação mediática: «Fez isto...». Mas cuidado! Que diz a jurisprudência? Que, se uma causa está aberta, há a presunção de inocência. Talvez não seja inocente, mas há a presunção. Certa vez falei de um caso na Espanha, no qual a condenação mediática arruinou a vida de alguns padres, que mais tarde foram julgados inocentes. Antes de fazer uma condenação mediática, devemos pensar duas vezes. Não sei se respondi. Ele [o cardeal], honestamente, preferiu dizer: «Retiro-me, tomo uma licença voluntária e deixo o vigário-geral administrar a arquidiocese até que o tribunal pronuncie a sentença final».

[*Cristina Cabrejas, Agência Efe*]: No discurso de ontem às autoridades, disse que o fenómeno migratório não se resolve com as barreiras físicas, mas aqui, em Marrocos, a Espanha construiu duas barreiras com lâminas afiadas para cortar aqueles que pretendam superá-las. Vossa Santidade conheceu alguns deles em certos encontros. E, nestes dias, o presidente Trump disse que quer fechar completamente as fronteiras e, além disso, suspender as ajudas a três países da América Central. Que gostaria de dizer a estes governantes, a estes políticos que ainda defendem tais decisões?

Antes de mais nada, aquilo que disse há pouco: os construtores de muros, sejam eles de arame farpado com lâminas afiadas ou de tijolos, tornar-se-ão prisioneiros dos muros que fazem. Primeiro: a história o dirá. Segundo: quando me entrevistou, Jordi Évole fez-me ver um pedaço daquele arame com as lâminas. Digo-te sinceramente: fiquei comovido e depois, quando ele saiu, chorei. Chorei, porque não entra na minha cabeça e no meu coração tanta crueldade. Não entra na minha cabeça e no meu coração ver afogar no Mediterrâneo e levantar um muro nos portos. Não é este o modo de resolver o grave problema da migração. Compreendo: um governo com



A 30 de março, o Papa Francisco visitou o Instituto Mohammed VI para a formação de pregadores e guias religiosos de um islã moderado e tolerante

este problema tem a batata quente nas mãos, mas deve resolvê-lo outra forma, humanamente. Quando vi aquele arame com as lâminas, parecia-me incrível. Outra vez, pude ver uma filmagem feita numa prisão, com refugiados que foram repelidos e mandados para trás. Prisões não oficiais, prisões de traficantes. Se quiseres, posso enviar-ta. Fazem sofrer... fazem sofrer. As mulheres e as crianças vendem-nas, ficam os homens. E as torturas, que lá aparecem filmadas, são inacreditáveis. Foi uma filmagem feita às escondidas sobre os serviços. Eis a situação: eu não deixo entrar, porque de verdade não tenho lugar! Mas há outros países, há a União Europeia. É preciso falar, a União Europeia inteira. Não os deixo entrar e deixo-os afogar ou expulsos, sabendo que muitos deles cairão nas mãos destes traficantes que venderão as mulheres e as crianças e matarão ou torturarão para reduzir a escravos os homens? Esta filmagem está à vossa disposição. Uma vez, falando com um governante — um homem que respeito e direi o nome: Alexis Tsipras — sobre isto e os acordos para não deixar entrar, ele explicou-me as dificuldades, mas no fim deixou o coração falar e disse esta frase: «Os direitos humanos estão antes dos acordos». Esta frase merece o Prémio Nobel.

[Michael Werner Schramm, ARD Roma]: *Vossa Santidade luta há muitos anos para proteger e ajudar os migrantes, como fez nos últimos dias em Marrocos. A política europeia vai exatamente na direção oposta. A Europa torna-se uma espécie de bastião contra os migrantes. Esta política reflete a opinião dos eleitores. A maioria destes eleitores são cristãos católicos. Santidade, como se sente com esta triste situação?*

É verdade que muitas pessoas de boa vontade — não só católicos, mas pessoas boas, de boa vontade — se sentem um pouco invadidas pelo medo, que é o «sermão» habitual do populismo: o medo. Semeia-se o medo, e depois tomam-se decisões. O medo é o início das ditaduras. Vamos ao século passado — repito isto, com frequência — à queda da República de Weimar. A Alemanha precisava de uma saída e, com promessas e medos, avançou Hitler. Sabemos o resultado... Aprendamos com a história! Não se trata de uma novidade: semear medo é fazer uma colheita de crueldade, de fechamentos e até de esterilidade. Pensai no inverno demográfico da Europa. Mesmo nós que vivemos na Itália: abaixo de zero. Pensai na falta de memória histórica: a Europa fez-se

com migrações, e esta é a sua riqueza. Pensemos na generosidade de tantos países, que hoje batem à porta da Europa, para com os migrantes europeus desde 1984 para trás, os dois períodos do pós-guerra de 1945 e 1918, quando partem em massa com destino à América do Norte, América Central, América do Sul. O meu pai foi acolhido lá no pós-guerra. A Europa também poderia ter um pouco de gratidão... Eu diria duas coisas. É verdade que o primeiro trabalho que precisamos de fazer é procurar que as pessoas que migram por causa da guerra ou da fome não tenham esta necessidade. Mas, se a Europa tão generosa vende ao Líbano as armas que matam as crianças, como pode a Europa ser coerente? Isto é um exemplo: a Europa vende armas. Depois, temos o problema da fome, da sede. A Europa, se quiser ser a «mãe» Europa e não a «avó» Europa, deve investir, deve procurar de forma inteligente ajudar a crescer com a educação, com os investimentos. Isto não é meu; disse-o a chanceler Merkel. É algo que ela promove bastante: impedir a emigração, não com a força, mas com a generosidade, ou seja, com investimentos educativos, económicos, etc. Isto é muito importante. Segundo: como agir? É verdade que um país não os pode receber todos, mas há a Europa inteira por onde distribuir os migrantes. Temos toda a Europa. Porque a hospitalidade deve ser de coração aberto, depois trata-se de acompanhar, promover e integrar. Se um país não pode integrar, deve pensar imediatamente em falar com outros países — «tu quantos podes integrar?» — para dar uma vida digna às pessoas. Outro exemplo (vivi-o pessoalmente no tempo das ditaduras, da operação Condor em Buenos Aires), na América Latina: Argentina, Chile e Uruguai. Foi a Suécia que acolheu com uma generosidade impressionante. Imediatamente aprendiam a língua, a cargo do Estado, encontraram trabalho, casa. Agora a Suécia sente um pouco de dificuldade em integrar, mas di-lo e pede ajuda. Quando estive em Lund — no ano passado ou no anterior, não me lembro — quem me acolheu foi o primeiro-ministro, mas depois, na cerimónia de despedida, havia uma ministra, uma jovem ministra — da educação, acho eu! — um pouco morena, porque era filha de uma sueca e de um imigrante africano: assim integra um país, que aponto como exemplo, a Suécia. Mas, para isto, requer-se generosidade; é preciso avançar. Com o medo, não avançaremos; com os muros, ficaremos fechados nestes muros.

[Cristiana Caricato, TV2000]: *Santo Padre, acabou mesmo agora de falar de medos e do risco de ditaduras que estes medos podem gerar. Hoje mesmo, um ministro italiano, referindo-se ao Convénio de Verona, disse: mais do que da família, é preciso ter medo do Islã. Estamos em risco de ditadura no nosso país? E depois uma curiosidade: Vossa Santidade denuncia muitas vezes a ação do diabo; fez-lo também no recente encontro sobre a proteção de menores. Que fazer para o combater, sobretudo no que diz respeito aos escândalos de pedofilia?*

Um jornal, depois do meu discurso no final do encontro dos presidentes das Conferências Episcopais sobre a proteção dos menores, escreveu: «O Papa foi astuto; começou por dizer que a pedofilia é um problema mundial, um flagelo mundial; depois disse qualquer coisa sobre a Igreja, para no fim lavou as mãos e deu a culpa ao diabo». Um pouco simplista, não é? Aquele discurso é claro. Nos anos setenta, um filósofo francês fizera uma distinção que muito me iluminou. Dizia ele: para se entender uma situação, é preciso dar todas as explicações e depois procurar os significados: isto que significa socialmente, que significa pessoalmente, ou religiosamente? Procuo dar todas as explicações, incluindo a explicação das medidas, mas há um ponto que não se compreende sem o mistério do mal. Pensaí nisto: a pornografia infantil virtual. Houve dois encontros importantes: um em Roma e outro em Abu Dhabi. Pergunto-me como é possível que este fenómeno se tenha tornado uma realidade do dia a dia? Como é possível? E falo de estatísticas sérias. Como é possível que, se quisesses ver ao vivo o abuso sexual de um menor, bastaria conectar-te com a pornografia infantil virtual e to mostram? Olha que não estou a mentir: está nas estatísticas. Pergunto-me: será que os responsáveis pela ordem pública não podem fazer nada? Nós, na Igreja, faremos todo o possível para acabar com este flagelo. Tudo faremos! E, naquele discurso, apontei medidas concretas. Existiam já antes do encontro, quando os presidentes das Conferências me deram aquela lista que distribuí a todos vós. Mas os responsáveis destas indecências são inocentes? Aqueles que ganham com isto? Uma vez em Buenos Aires, com dois parlamentares da cidade — não do governo nacional — fizemos uma «ordenança», uma disposição — não é lei — uma disposição não vinculativa para os hotéis de luxo, na qual se dizia para afixar na portaria [este aviso]: «Nes-

te hotel, não se permitem relações com menores». Ninguém quis afixá-lo. «Não! Compreende, não se pode... Dá a impressão que somos indecentes... Sabe-se que não o fazemos, mas sem o aviso». Um governo, por exemplo, não pode individuar onde se fazem estas coisas com as crianças? Com todas as filmagens ao vivo... Isto para dizer não só que o flagelo mundial é grande, mas também que isso não se compreende sem o espírito do mal. É um problema concreto; devemos resolvê-lo concretamente, mas dizer também que entra o espírito do mal. E, para resolver isto, há duas publicações que recomendo: um artigo de Gianni Valente — no «Vatican Insider», creio eu — onde fala dos donatistas. O perigo de hoje se tornar donatista a Igreja, prescrevendo receitas humanas que devem ser seguidas, mas limitando-se a estas e esquecendo as outras dimensões espirituais: a oração, a penitência, a acusação de si mesmo, que não estamos habituados a fazer. São precisas as duas coisas! Pois o que é preciso para vencer o espírito do mal não é «lavar as mãos» dizendo: «é obra do diabo». Não. Devemos também lutar contra o diabo, como devemos lutar contra as coisas humanas. A outra publicação é da «Civiltà Cattolica». Em 1987, eu tinha escrito um livro, *Cartas da tribulação*, que eram as cartas do Padre Geral dos Jesuítas da época em que estava para ser dissolvida a Companhia [de Jesus]. Fiz um prólogo e eles fizeram um estudo sobre as cartas que escrevi ao episcopado chileno e ao povo do Chile acerca do modo como intervir sobre este problema. Os dois aspetos: o humano, científico e mesmo legal para contrastar o fenómeno; e depois o aspeto espiritual. Fiz o mesmo com os bispos dos Estados Unidos, porque as propostas estavam centradas demais na organização, nas metodologias e, involuntariamente, era negligenciada esta segunda dimensão espiritual. Com os leigos, com todos... Quero dizer-vos: a Igreja não é uma Igreja «congregacionista», é uma Igreja católica, onde o bispo deve assumir a questão como pastor. O Papa deve assumi-la como pastor. Como? Com as medidas disciplinares, com a oração, a penitência, com a acusação de si mesmo. E, naquela carta que escrevi antes de [os presidentes das Conferências Episcopais] iniciarem os Exercícios Espirituais, também esta dimensão está bem explicada. Ficavos-ia grato se estudásseis as duas coisas: o aspeto humano e também o da luta espiritual.

A outra pergunta: verdadeiramente eu, de política italiana, não sou um entendido. Não entendo... No «Expresso», tinha visto algo sobre um «Dia da família». Não sei o que possa ser; sei que é um dos muitos «dias» que se celebram... Li a carta que enviou o cardeal Parolin, e estou de acordo: uma carta pastoral, educada, de um coração de pastor. Mas, a propósito da política italiana, não me interpeleis. Não entendo.



## Do pensamento único à mística do “nós”

Lectio divina do bispo de Roma na Pontifícia Universidade Lateranense

No início da manhã de 26 de março, antes de visitar o Capitólio, o Papa Francisco foi de surpresa à pontifícia universidade Lateranense e, no salão nobre, guiou a meditação quaresmal, encontro que o ateneu organiza todos os anos para a comunidade académica. Publicamos em seguida a “lectio divina” presidida pelo Pontífice sobre um trecho tirado do livro do profeta Daniel, lido pelo reitor Vincenzo Buonomo.

Ouvimos a primeira leitura da Liturgia de hoje. Foi lida de maneira nova, esta manhã, cientes de que hoje eu teria vindo aqui, ao meio de vós. Acontece sempre assim: ouvir a Escritura a partir da realidade de hoje descerra e comunica ulteriores significados, nela contidos. A página bíblica chega a cumprimento nos nossos ouvidos (cf. *Lc 4, 17-21*) e talvez revele um sentido adicional, que nos tinha passado despercebido, ou que não tínhamos entendido bem, e que precisamente graças ao hoje nos é manifestado.

Este texto contém a oração de três jovens filhos de Israel: Ananias, Azarias e Misael, lançados numa grande fornalha ardente pelo rei babilónico Nabucodonosor, porque se tinham recusado a adorar a sua estátua de ouro. A sua convicta determinação a ser fiéis a Deus e a preservar a própria liberdade expõe-nos efetivamente ao martírio, como acontece até nos dias de hoje com os vossos coetâneos cristãos, nalgumas regiões do mundo. Mas Deus interveém para impedir que as chamas possam queimar os três jovens: diante dos olhos incrédulos de Nabucodonosor, Ananias, Azarias e Misael passeiam no meio do fogo, como se na fornalha «soprasse uma brisa matinal» (*Dn 3, 50*); são acompanhados por um anjo — que «tem o aspecto de um filho de deus» (*Dn 3, 92*) — e põem-se a louvar e a rezar a Deus. A Leitura de hoje contém a parte penitencial desta oração.

Segundo muitos estudiosos, a data de composição do livro de Daniel deve ser colocada no tempo da perseguição do rei Selúcidas Antíoco Epifânio, antes da morte deste, ocorrida no ano 164 a.C. Dado que as vicissitudes de Daniel e dos seus três jovens companheiros têm lugar no século VI a.C., durante o exílio na Babilónia, compreendemos qual é a lógica deste livro bíblico: para enfrentar com coragem as perseguições padecidas no presente, Israel recorda o exemplo de personagens ilustres do passado (Daniel, os três jovens, a donzela Susana no cap. 13), que viveram a fidelidade a Deus e à sua Torá. A memória fortalece-nos sempre: a memória do passado transmite-nos não apenas uma mensagem, mas também a força da pertença a um povo. Foi assim que, com o seu testemunho, eles derrotaram a violência destruidora dos poderes deste mundo: ficaram ilesos e até obtiveram a profissão de fé em Deus da parte dos seus inimigos (cf. *Dn 3, 95-96*), cumprindo a missão sacerdotal de Israel no meio dos povos, e



Os jovens Ananias, Azarias e Misael com o anjo na fornalha (igreja rupestre de Göreme na Capadócia)

de Bênção universal para todas as nações.

Ser envolvido pelas chamas e ficar ileso: isto só pode acontecer com a ajuda do Senhor Jesus, Filho de Deus, e da brisa do Espírito Santo. Imagino-vos assim: não obstante vivamos num contexto cultural marcado pelo pensamento único, que envolve e adormece todos com o seu abraço mortífero e queima todas as formas de criatividades e de pensamento divergente, vós caminhais ilesos graças ao enraizamento em Jesus e no seu Evangelho, atualizado pelo poder do Espírito Santo. Desta maneira vós conservais um olhar *elevado* e também um olhar *diverso* sobre a realidade, uma *diferença cristã* portadora de novidades.

O percurso académico que estais a realizar nesta Pontifícia Universidade não tenciona isolar-vos deste contexto mas, ao contrário, habitá-lo com consciência crítica e capacidade de discernimento, em vista daquela ação na qual se exprime a vossa contribuição para a vida cultural e social do mundo. A adesão ao Evangelho e o acolhimento do rico património da Tradição eclesial, a todos os níveis, não visam bloquear o pensamento, nem pedem que se repitam cansativamente as fórmulas de sempre: desejam, antes de tudo, proporcionar-vos um ponto de vista livre, autêntico, fiel à realidade, diria “saudável”, em relação a esta nossa época.

Queremos recordar as raízes, que são diferentes da árvore: estão debaixo da terra, mas são as raízes. E este trecho quer recordar, na perseguição de Antíoco Epifânio, as raízes de um povo, a memória de uma nação. A memória, que é como a linfa que provém das raízes e faz crescer e florescer a árvore.

Pensai no impulso que recebemos continuamente a viver num individualismo confortável e avarento — todos nós — preocupados unicamente com o próprio bem-estar, com o tempo livre e com a autorrealiza-

ção... Detenho-me para tocar num assunto que me faz sofrer: o nosso inverno demográfico. “Mas por que não tens pelo menos um filho, ou dois?” — “Não, mas penso, eu gostaria de fazer uma viagem, espero mais um pouco...”. E assim os casais vão em frente sem fecundidade. Pelo egoísmo, para possuir mais, inclusive para fazer viagens culturais, mas não têm filhos. Aquela árvore não dá fruto. O inverno demográfico que hoje todos nós sofremos é exatamente o efeito deste pensamento único, egoísta, voltado unicamente para si mesmo, que só procura a “minha” realização. Vós, estudantes, pensai bem nisto: pensai no modo como este pensamento único é tão “selvagem”... Parece muito cultural, mas é “selvagem”, porque te impede de fazer história, de deixar uma história atrás de ti. Tudo isto é perigoso, separa-nos dos outros e portanto da realidade, faz-nos adoeecer e delirar! As numerosas neuroses... Muitas vezes transforma-se rapidamente em exaltação do “eu” pessoal ou do grupo, em desprezo e descarte do próximo, dos pobres, em rejeição a deixar-se interpelar pela evidente ruína da Criação! É uma vergonha! Deixar-se guiar pelo Senhor, pelos Anjos que Ele nos envia, seguir o Espírito, que é como o vento, e de quem hoje reconhecemos a voz, significa evitar ser queimado: queimado no cérebro, no coração, no corpo, nos relacionamentos, em tudo aquilo que põe em movimento a vida e a enche de esperança. É da contemplação do próprio mistério da Trindade de Deus e da encarnação do Filho que brota, para o pensamento cristão e para a ação da Igreja, o primado reservado à relação, ao encontro com o mistério sagrado do outro, à comunhão universal com a humanidade inteira, como vocação de todos. A *Veritatis gaudium* afirma que o critério prioritário e permanente para a renovação dos estudos eclesiais é «a contemplação e a introdução espiritual, intelectual e existencial no coração do *querigma*, ou seja, da fe-

liz notícia, sempre nova e fascinante, do Evangelho de Jesus». Com efeito, «desta concentração vital e jubilosa sobre o rosto de Deus revelado em Jesus Cristo» deriva o «viver como Igreja a “mística do nós”, que se torna fermento daquela fraternidade universal», emana «o imperativo a escutar no coração e a fazer ressoar na mente o clamor dos pobres e da terra» e o «descobrir em toda a Criação a marca trinitária que faz do cosmo onde vivemos “uma trama de relações” em que «é próprio de cada ser vivo tender, por sua vez, para outra realidade», propiciando “uma espiritualidade da solidariedade global que brota do mistério da Trindade”» (n. 4). A mística do “nós”. Certa vez, um jovem sacerdote armou-me uma cilada, dizendo-me: “Padre, diz-me qual é o contrário de ‘eu’?”. E respondi imediatamente: “tu”. “Não, Padre, até os Papas se enganam, não! O contrário de ‘eu’ é ‘nós’”. Nós! É isto que nos salva do individualismo, tanto do “eu” como do “tu”.

Compreendi bem que o Evangelho nos proporciona os antídotos mais radicais e profundos para nos defendermos e curar-nos da enfermidade do individualismo.

Existe outro trecho desta citação bíblica, da qual vos gostaria de falar. No seu humilde pedido de perdão, os três jovens reconhecem que Deus foi justo nos seus juízos e nas suas obras. Deixou que Israel experimentasse as consequências desastrosas do afastamento do Senhor, e em vez de se tornar “numeroso como as estrelas do céu e a areia do mar”, tornou-se “mais pequenino do que qualquer outra nação”, dividido e em parte forçado ao exílio. Retomo aqui o que disse sobre o inverno demográfico. Na sua oração, os três jovens interpretam a história do povo. Não obstante sejam o último elo da corrente das gerações de Israel, não se sentem diferentes em relação ao povo e à sua história. Eles sentem o peso de uma conta aberta com o Senhor e entoam uma oração muito bonita, que é um reconhecimento de culpa e um pedido de perdão. As culpas são dos pais, mas nós pagamos as suas consequências, e no entanto neste momento nós pedimos perdão em nome de todos. Nenhum afastamento, mas reconhecimento de que os erros dos pais podem ser repetidos, atualizados, inclusive pela geração de hoje. No pecado existe uma solidariedade, que se torna solidariedade na profissão de fé: Deus, que é misericórdia infinita, terá piedade dos pais e também de nós.

Como é bonita esta dolorosa oração dos jovens! Em primeiro lugar há o agradecimento pela fidelidade de Deus: «Bendito e louvado sejas, Senhor, Deus dos nossos pais!» (*Dn 3, 26*). Os pais testemunham que Deus foi justo, mas não nos abandonaram à ruína; pelo contrário, foi fiel às promessas feitas aos seus amigos: Abraão, Isaac e Jacob. Os jovens acreditam neste testemunho dos



CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 6

pais, fazem memória da história do povo, marcada sempre pela misericórdia de Deus, e abrem-se ao futuro. Estão persuadidos de que há, haverá um futuro, que a porta não está trancada, mesmo no meio da hostilidade e da perseguição. E isto porque Deus é sempre fiel e perdoa sempre. Deus não se cansa de perdoar!

Gostaria muito que conservásseis esta esperança fundamentada na promessa de Deus. Gostaria muito que, ao projetardes o futuro, preservásseis a memória de ser um povo, de ter uma história com luzes e sombras, de ser hoje protagonistas daquele diálogo de amor entre Deus e os homens, que atravessou os séculos! Os sonhos dos pais alimentarão e provocarão as vossas visões para o presente. Sentir-se parte de um povo de pecadores proporcionar-vos-á os anticorpos para não cometerdes os mesmos erros: contra Deus, contra o próximo, contra a Criação inteira.

Os estudos que realizais nesta Universidade só serão fecundos e úteis para vós, na medida em que não se desvinculem desta pertença consciente à história do povo e da humanidade inteira, mas ajudardes-vos a interpretá-la mediante as chaves de leitura que sobressaem da Palavra de Deus, abrindo-vos a um futuro cheio de esperança. Sei que se pode estudar, fechando-se em círculos académicos sufocantes, jogar com os conceitos em vez de interpretar a vida, apegar-se às fórmulas mas desligar-se da existência real das pessoas. Por isso, desejei que nos estudos eclesiológicos se realize uma «mudança radical de paradigma», uma «corajosa revolução cultural» que, brotando da contribuição da reflexão e da prática do povo de Deus «em ação» em todos os recantos do mundo, produza «uma verdadeira hermenêutica evangélica, para entender melhor a vida, o mundo, os homens». Ainda não superamos a lógica do iluminismo, não a superamos. Este é o desafio: a nova hermenêutica que caminha nesta direção. A hermenêutica da memória, da pertença a um povo, de ter uma história; a hermenêutica de caminhar rumo a uma esperança, a hermenêutica – re-

pito algo que gosto de dizer – das três linguagens, juntas, harmoniosas: a linguagem da mente, a linguagem do coração, a linguagem das mãos, de modo a pensar naquilo que se sente e se faz; a sentir o que se pensa e se faz; e a fazer aquilo que se sente e se pensa. Hoje é necessária esta hermenêutica para superar a herança do iluminismo. Não há necessidade tanto de uma nova síntese, como «de uma atmosfera espiritual de pesquisa e certeza baseada nas verdades da razão e da fé», que só será fecunda «se for feita com a mente aberta e de joelhos»: ambas estas coisas. Com efeito, por exemplo, o que é o teólogo que se regozija com o seu pensamento completo e concluído? Um teólogo mediocre. O bom teólogo, o bom filósofo tem um pensamento aberto, ou seja, incompleto. Apaixonai-vos pelo pensamento incompleto, porque este é o nosso caminho, sempre aberto ao *maius* de Dio e à verdade (cf. Constituição Apost. *Veritatis gaudium*, 3).

Com este espírito e esta disciplina, os estudos que fazeis aqui ajudar-vos-ão a interpretar o mundo e a construir o futuro juntamente com o Senhor, bem alicerçados na pertença ao povo santo de Deus, que Ele orienta com amor, inspira, alimenta e corrige mediante a sua Palavra.

Eis uma última reflexão, a partir do trecho tirado do livro de Daniel. Houve períodos da história em que Israel já não dispunha nem de príncipes (ou seja, reis-pastores que o guiassem em nome de Deus), nem de um templo (a rocha sólida da presença da Glória de Deus no meio do povo). No entanto, nestes momentos Deus enviou profetas, a fim de que o povo não permanecesse desprovido da sua Palavra e da sua guia. Aliás, Azarias ressalta que agora, no exílio na Babilónia, não há nem sequer profetas! Não há profetas! O que há ainda a fazer? Nada

mais do que se apresentar a Deus com um coração contrito e com o espírito humilhado, que será do agrado de Deus como «holocaustos de carneiros e de touros, e de milhares de cordeiros gordos. Que este seja hoje, diante de ti, o nosso sacrifício» (3, 39-40). É bonito este trecho da oração! Vejo nisto um pouco de descaramento juvenil, um apresentar-se diante de Deus com a vergonha nua. E a vós, jovens, recomendo: apresentai-vos perante Deus com a vossa vergonha nua! Far-vos-á bem. Não apenas a vós, mas a todos nós. Um pouco como quando se «puxa a corda» da paciência dos pais e dos avós, consciente de que se é muito amado. Mas aqui a intuição dos três jovens era correta: nada move a misericórdia de Deus como o nosso coração realmente contrito e humilhado. Trata-se de algo grandioso! Aliás, o filho mais novo da parábola do Pai misericordioso, um perito neste descaramento juvenil, sabe que será recebido, embora o seu arrependimento não seja exatamente como deveria ser. «Levantarme-ei e irei ter com meu pai». Por detrás de tudo isto há uma confiança, uma fé: «Não há desilusão para quantos confiam em ti» (3, 40). Assim, desejo que permaneçais abertos ao futuro, empreendedores e corajosos ao sonhá-lo e projetá-lo, com a ajuda dos estudos que fazeis, porque «descaradamente» confiantes de que não há desilusão para aqueles que confiam no Senhor.

Saúdo todos vós e desejo-vos um bom caminho de Quaresma! Que o Senhor ilumine o vosso rosto com a sua luz, tornando-o bonito como a face dos três jovens do livro de Daniel, pela fidelidade à Palavra de Deus (cf. 1, 14). Saúdo e agradeço ao Reitor Vincenzo Buonomo e ao corpo de docentes da Universidade Lateranense: são os pais que dão testemunho da vossa fidelidade a Deus,

não obstante o pecado, e são os mestres de sonho para o futuro.

Há um pouco de descaramento na atitude de um Papa que entra pela porta, nem sequer diz «bom dia», e começa a fazer a pregação. Agora posso dizê-lo: bom dia! A pregação acabou. Agora aquele Papa mal-educado pede desculpa: era um momento litúrgico que começava com a Palavra de Deus, lida pelo Reitor, e depois a pregação. Agora quero agradecer a todos vós esta hospitalidade. Eu queria vir à Universidade e desejava falar-vos deste modo. E a Quaresma foi a ocasião para o fazer. Obrigado por me terdes ouvido – não vi ninguém que tenha adormecido, pelo menos sois educados, obrigado! E continuei a trabalhar, porque a vida não começa convosco, mas tem necessidade de vós para prosseguir. Arraiçados na memória dos antepassados, radicados na pertença a um povo. O presente é vosso e não é vosso: é um dom que provém da história, oferecido a ti, mas para o levares em frente. A tua decisão fará com que aquela dádiva continue a progredir e dê frutos.

Obrigado! Rezaí por mim, pois – como se diz na Argentina – às vezes «tenho que dançar com a mais feia!» O Senhor quis que também elas tivessem o direito de dançar! Assim vamos em frente, e prossigamos juntos. Oraí por mim, e eu rezarei por vós. Não percais a vossa mocidade, não percais o sentido de humor, não o percais! Ver um jovem amargurado é muito triste. Em termos humanos, o sentido de humor é a atitude mais próxima da graça de Deus. Não percais o sentido de humor. Muito obrigado! Rezaí por mim. Boa Quaresma e até à próxima!

Agora, voltemos à liturgia: recitemos juntos o Pai-Nosso. «Pai nosso...» [Bênção].

Bom dia!

## Audiência geral de quarta-feira

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 3

Assim há respeito e não se cai nesta cultura do adjetivo que é líquida demais, demasiado «gasosa». A Igreja em Marrocos, dizia, está muito comprometida na proximidade às *peças migrantes*, e por isso quis agradecer e encorajar quantos se dedicam com generosidade ao seu serviço concretizando a palavra de Cristo: «Era forasteiro e acolhestes-me» (Mt 25, 35).

O domingo foi dedicado à Comunidade cristã. Antes de tudo, visitei o Centro Rural de Serviços Sociais, gerido pelas religiosas Filhas da Caridade, as mesmas que trabalham no dispensário e ambulatório para as crianças aqui em Santa Marta, e estas irmãs contam com a colaboração de numerosos voluntários, oferecem diversos serviços à população.

Na Catedral de Rabat encontrei-me com os sacerdotes, com as pessoas consagradas e com o Conselho Eucuménico das Igrejas. É um pequeno rebanho, em Marrocos, e por isso recordei as imagens evangélicas

do sal, da luz e do fermento (cf. Mt 5, 13-16; 13, 33) que lemos no início desta audiência. O importante não é a quantidade, mas que o sal tenha sabor, que a luz resplandeça e que o fermento tenha a força de fazer levar toda a massa. É isto não vem de nós, mas de Deus, do Espírito Santo que nos torna testemunhas de Cristo onde estivermos, num estilo de diálogo e amizade, para ser vivido antes de tudo entre nós cristãos, porque – diz Jesus – «Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (Jo 13, 35).

E a alegria da comunhão eclesial encontrou o seu fundamento e a sua plena expressão na Eucaristia dominical, celebrada num complexo desportivo da capital. Milhares de pessoas de cerca de 60 nacionalidades diferentes! Uma singular epifania do Povo de Deus no coração de um país islâmico. A parábola do Pai misericordioso fez brilhar no meio de nós a beleza do designio de Deus, o qual quer que todos os seus filhos participem na sua alegria, na festa do perdão e da recon-

ciliação. Nesta festa entram quantos sabem reconhecer-se carentes da misericórdia do Pai e sabem alegrar-se com Ele quando um irmão ou irmã volta para casa. Não é ocasional que, lá onde os muçulmanos invocam todos os dias o Clemente e o Misericordioso, tenha ressoado a grande parábola da misericórdia do Pai. É assim: só quem renasceu e vive no abraço deste Pai, só quem se sente irmão pode ser servidor da esperança no mundo.

No final, saudando os vários grupos presentes, o Pontífice dirigiu aos fiéis lusófonos as seguintes expressões.

Diriji uma saudação cordial aos peregrinos de língua portuguesa, em particular aos grupos escolares de Portugal e aos grupos vindos do Brasil, com votos de que esta peregrinação seja para vós uma oportunidade para contemplar a beleza da fé e da união com Cristo, para viver plenamente a vossa vocação cristã como testemunhas da esperança no mundo. Que Deus vos abençoe! Obrigado.



# Christus vivit

Síntese da exortação pós-sinodal sob forma de Carta aos jovens assinada pelo Papa em Loreto

Foi apresentado a 2 de abril, na Sala de imprensa da Santa Sé, o texto da exortação apostólica pós-sinodal do Papa Francisco «Christus vivit», fruto do Sinodo dos jovens realizado em outubro de 2018 sobre o tema «Os jovens, a fé e o discernimento vocacional». Publicamos a seguir uma síntese.

«Cristo vive: é Ele a nossa esperança e a mais bela juventude deste mundo! Tudo o que toca torna-se jovem, fica novo, enche-se de vida. Por isso as primeiras palavras, a fé e o discernimento vocacional, são estas: Ele vive e quer-te vivos!».

Assim começa a Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus vivit* (Texto integral) de Francisco, assinada segunda-feira, 25 de março, na Santa Casa de Loreto, e dirigida «aos jovens e a todo o povo de Deus». No documento, composto por nove capítulos divididos em 299 parágrafos, o Papa explica que se deixou «inspirar pela riqueza das reflexões e diálogos do Sinodo dos jovens», celebrado no Vaticano em outubro de 2018.

## Primeiro capítulo: «Que diz a Palavra de Deus sobre os jovens?»

Francisco recorda que «numa época em que os jovens contavam pouco, alguns textos mostram que Deus vê com olhos diferentes» (6) e apresenta brevemente figuras de jovens do Antigo Testamento: José, Gedeão (7), Samuel (8), o rei David (9), Salomão e Jeremias (10), a jovem serva júda de Naaman e a jovem Rute (11). Depois passa para o Novo Testamento. O Papa recorda que «Jesus, o eternamente jovem, quer dar-nos um coração sempre jovem» (12) e acrescenta: «Notemos que Jesus não gostava que os adultos olhassem com desprezo para os mais jovens ou os mantivessem, despoadamente, ao seu serviço. Pelo contrário, pedia: "O que for maior entre vós seja como o menor" (Lc 22, 26). Para Ele, a idade não estabelecia privilégios; e o facto de alguém ter menos anos não significava que valesse menos ou tivesse menor dignidade». Francisco afirma: «Nunca nos arrependemos de gastar a própria juventude a fazer o bem, abrindo o coração ao Senhor e vivendo contracorrentes» (17).

## Segundo capítulo: «Jesus Cristo sempre jovem»

O Papa aborda o tema dos primeiros anos de Jesus e recorda a narração evangélica que descreve o Nazareno «em plena adolescência, quando regressou para Nazaré com seus pais, depois que estes O perderam e reencontraram no Templo» (36). Não devemos pensar, escreve Francisco, que «Jesus fosse um adolescente solitário ou um jovem fechado em si mesmo. A sua relação com as pessoas era a dum jovem que compartilhava a vida inteira dum família bem integrada na aldeia», «ninguém O considerava um jovem estranho ou separado dos outros» (38). O Papa faz notar que Jesus adolescente, «graças à confiança que n'Ele depositam seus pais... move-se livremente e aprende a caminhar com todos os outros» (29). Estes aspectos da vida de Jesus não deveriam ser ignorados na pastoral juvenil, «para não criar projetos que isolem os jovens da família e do mundo, ou que os transformem numa família selecta e preservada de todo o contágio». Precisamos, sim, «de projetos que os fortaleçam,

acompanhem e lancem para o encontro com os outros, o serviço generoso, a missão» (30).

Jesus «vos ilumina, a vós jovens, mas a partir da própria juventude que partilha convosco» e n'Ele se podem reconhecer muitos traços típicos dos corações jovens (31). Junto «d'Ele, podemos beber da verdadeira fonte que mantém vivos os nossos sonhos, projetos e grandes ideais, lançando-nos no anúncio da vida que vale a pena viver» (32); «O Senhor chama-nos a acender estrelas na noite doutros jovens» (33).

Francisco fala então da juventude na Igreja e escreve: «Pecamos ao Senhor que liberte a Igreja daqueles que querem envelhecê-la, ancorá-la ao passado, travá-la, torná-la imóvel. Pecamos também que a livre doutra tentação: acreditar que é jovem porque cede a tudo o que o mundo lhe oferece, acreditar que se renova porque esconde a sua mensagem e mimetiza-se com os outros. Não! É jovem quando é ela mesma, quando recebe a força sempre nova da Palavra de Deus, da Eucaristia, da presença de Cristo e da força do seu Espírito em cada dia» (35).

É verdade que «nós, membros da Igreja, não precisamos de aparecer como sujeitos estranhos. Todos nós devem sentir irmãos e vizinhos, como os Apóstolos que «tinham a simpatia de todo o povo» (At 2, 47; cf. 4, 21-33; 5, 13). Ao mesmo tempo, porém, devemos ter a coragem de ser diferentes, mostrar outros sonhos que este mundo não oferece, testemunhar a beleza da generosidade, do serviço, da pureza, da fortaleza, do perdão, da fidelidade à própria vocação, da oração, da luta pela justiça e o bem comum, do amor aos pobres, da amizade so-

cial» (36). A Igreja pode sempre cair na tentação de perder o entusiasmo e procurar «falsas seguranças mundanas. São precisamente os jovens que a podem ajudar a permanecer jovens» (37).

O Papa volta então a um dos ensinamentos de que ele gosta muito e explica que é necessário apresentar a figura de Jesus «de modo atraente e eficaz» e diz: «Por isso é necessário que a Igreja não esteja demasiado debruçada sobre si mesma, mas procure sobretudo refletir Jesus Cristo. Isto implica reconhecer humildemente que algumas coisas concretas devem mudar» (39).

Na exortação reconhece-se que há jovens que sentem a presença da Igreja «como importuna e até mesmo irritante». Um comportamento que mergulha as raízes «em razões sérias e respeitáveis: os escândalos sexuais e económicos; a falta de preparação dos ministros ordenados, que não sabem reconhecer de maneira adequada a sensibilidade dos jovens; pouco cuidado na preparação da homilia e na apresentação da Palavra de Deus; o papel passivo atribuído aos jovens no seio da comunidade cristã; a dificuldade da Igreja dar razão das suas posições doutrinárias e éticas perante a sociedade atual» (40).

Há jovens que «reclamam uma Igreja que escute mais, que não passe o tempo a condenar o mundo. Não querem ver uma Igreja calada e tímida, mas tão-pouco desejam que esteja sempre em guerra por dois ou três assuntos que a obcecaram. Para ser credível aos olhos dos jovens, precisa às vezes de recuar a humildade e simplesmente ouvir, reconhecer, outros dizem, alguma luz que a pode ajudar a descobrir melhor o Evangelho» (41). Por exemplo, uma Igreja demasiado temerosa e estruturada pode ser constantemente crítica «de todos os discursos sobre a defesa dos direitos das mulheres, e apontar constantemente os riscos e os possíveis erros dessas reclamações», enquanto uma Igreja evita pode reagir prestando atenção às legítimas reivindicações das mulheres», embora «não concorde com tudo o que propõem alguns grupos feministas» (42).

Francisco apresenta então «Maria, a jovem de Nazaré», e o seu sim como aquele «de quem quer comprometer-se e arriscar, de quem quer apostar tudo, sem ter outra garantia para além da certeza de saber que é portadora dum promessa. Pergunto a cada um de vós: Sentes-te portador dum promessa?» (44). Para Maria «as dificuldades não eram motivo para dizer "não" e assim colocando-se em jogo tornou-se a «influidora de Deus». O coração da Igreja também está cheio de jovens santos. O Papa recorda São Sebastião, São Francisco de Assis, Santa Joana d'Arc, o Beato mártir Andrew Phü Yén, Santa Catarina Tekakwitha, São Domingos Sávio, Santa Teresa do Menino Jesus, Beato Zeferino Namuncurá, Beato Isidoro Bakanja, Beato Pier Jorge Frassati, Beato Marcelo Callo, a jovem Beata Clara Badano.

## Terceiro capítulo: «Vós sois o agora de Deus»

Não podemos limitar-nos a dizer, afirma Francisco, que «os jovens são o

futuro do mundo: são o presente, estão a enriquecê-lo com a sua contribuição» (64). Por isso é preciso escutá-los mesmo se «prevalece a tendência de fornecer respostas pré-fabricadas e receitas prontas, sem deixar assomar as perguntas juvenis na sua novidade e captar a sua interpelação» (65).

«Hoje nós, adultos, corremos o risco de fazer uma lista de desastres, de déficits da juventude atual... Mas, qual seria o resultado deste comportamento? Uma distância sempre maior» (66). Quem foi chamado a ser pai, pastor ou guia dos jovens deveria ter a capacidade «de individuar percursos onde outros só veem muros, e saber reconhecer possibilidades onde outros só veem perigos. Assim é o olhar de Deus Pai, capaz de valorizar e nutrir os germes de bem semeados no coração dos jovens. Por isso, o coração de cada jovem deve ser considerado "terra santa"» (67). Francisco convida também a não generalizar, porque existe uma «pluralidade de mundos juvenis» (68).

Falando depois do que ocorre aos jovens, o Papa recorda os jovens que vivem em contextos de guerra, aqueles explorados e vítimas de raptos, criminalidade organizada, tráfico de seres humanos, escravidão e exploração sexual, estúpos. E também aqueles que vivem perpetrando crimes e violências (72). «Muitos jovens são mentalizados, instrumentalizados e utilizados como carne de canhão ou como força de choque para destruir, intimidar ou ridicularizar outros. É o pior é que muitos se transformam em sujeitos individualistas, inimigos e difidentes para com todos, tornando-se assim presa fácil de propostas desumanizadoras e dos planos destrutivos elaborados por grupos políticos ou poderes económicos» (73). Ainda mais numerosos no mundo são os jovens que padecem formas de marginalização e exclusão social, por razões religiosas, étnicas ou económicas. Francisco cita adolescentes e jovens que «ficam grávidas e a chaga do aborto, bem como a propagação da SIDA/HIV, as várias formas de dependência (drogas, jogos de azar, pornografia, etc.) e a situação dos meninos e adolescentes de rua» (74), situações de marginalização duplamente dolorosas e difíceis para as mulheres. «Não podemos ser uma Igreja que não chora à vista destes dramas dos seus filhos jovens. Não devemos jamais habituá-los a isto... A pior coisa que podemos fazer é aplicar a receita do espírito mundano, que consiste em anestesiar os jovens com outras notícias, com outras distrações, com banalidades» (75). O Papa convida os jovens a aprender a chorar pelos coetâneos que estão pior do que eles (76).

É verdade, explica Francisco, que «os poderosos prestam alguma ajuda, mas muitas vezes por um alto preço. Em muitos países pobres, a ajuda económica dá-lhes países mais ricos ou dá-lhes organizações internacionais costuma estar vinculada à aceitação de propostas ocidentais relativas à sexualidade, ao matrimónio, à vida ou à justiça social. Esta colonização ideológica prejudica de forma especial os jovens» (78). O Papa chama a atenção também para a cultura de hoje que apresenta o modelo juvenil de beleza e usa os corpos juvenis na publicidade: «não é um elogio para os jovens. Significa apenas que os adultos querem roubar a juventude para si mesmos» (79).

Acenando a «desejos, feridas e buscas», Francisco fala da sexualidade: «num mundo que destaca excessivamente a sexualidade, é difícil manter uma boa relação com o próprio corpo e viver serenamente as relações afetivas. Por esta e outras razões, a moral sexual é frequentemente «causa de incompreensão e alheamento da Igreja, pois é sentida como um espaço de julgamento e condenação» mesmo que existam jovens que expressam de maneira ex-



plícita o desejo de se confrontar sobre esses temas (81). O Papa, diante dos progressos da ciência, das tecnologias biomédicas e das neurociências recorda que «podem levar-nos a esquecer que a vida é um dom, que somos seres criados e limitados, podendo facilmente ser instrumentalizados por quem detém o poder tecnológico» (82).

A exortação se detém em seguida sobre o tema do «ambiente digital», que criou «uma nova maneira de comunicar» e que «pode facilitar a circulação dum informação independente». Em muitos países, a web e as redes sociais já constituem «um lugar indispensável para se alcançar e envolver os jovens» (87). Mas é também um território de solidão, manipulação, exploração e violência, até ao caso extremo da dark web. Os meios de comunicação digital podem expor ao risco de dependência, isolamento e perda progressiva de contacto com a realidade concreta. Difundem-se novas formas de violência através das redes sociais, como o cyberbullying; a web é também um canal de difusão da pornografia e de exploração de pessoas para fins sexuais ou através do jogo de azar» (88). Não se deve esquecer que «há interesses económicos gigantescos que operam no mundo digital», capazes de criar «mecanismos de manipulação das consciências e do processo democrático». Há circuitos fechados que «facilitam a divulgação de informações e notícias falsas, fomentando preconceitos e ódio... A reputação das pessoas é comprometida através de processos sumários on-line. O fenómeno diz respeito também à Igreja e seus pastores» (89). Num documento preparado por trezentos jovens de todo o mundo antes do Sinodo, afirma-se que «as relações on-line podem tornar-se desumanas e a imersão no mundo virtual favoreceu uma espécie de «migração digital», isto é, um distanciamento da família, dos valores culturais e religiosos, que leva muitas pessoas para um mundo de solidão» (90).

O Papa prossegue apresentando «os migrantes como paradigma do nosso tempo», e recorda os inúmeros jovens diretamente envolvidos nas migrações. «A preocupação da Igreja visa, em particular, aqueles que fogem da guerra, da violência, da perseguição política ou religiosa, dos desastres naturais devidos também às alterações climáticas e da pobreza extrema» (91): alguns estão à procura de uma oportunidade, sonham um futuro melhor. Outros migrantes são «arrastados pela cultura ocidental, nutrido por vezes expectativas irrealistas que os expõem a pesadas decepções. Traficantes sem escrúpulos, frequentemente ligados a cartéis da droga e das armas, exploram a fragilidade dos migrantes... Há que assinalar a particular vulnerabilidade dos migrantes menores não acompanhados... Nalguns países de chegada, os fenómenos migratórios suscitam alarme e temores, frequentemente fomentados e explorados para fins políticos. Assim se difunde uma mentalidade xenófoba, de clausura e retraimento em si mesmos, a que é necessário reagir com decisão» (92). Os jovens que migram experimentam a separação do seu contexto de origem e, muitas vezes, também um desenraizamento cultural e reli-

gioso (93). Francisco pede «especialmente aos jovens que não caiam nas redes de quem os quer contrapor a outros jovens que chegam aos seus países, fazendo-os ver como sujeitos perigosos» (94).

O Papa fala também dos abusos sobre menores, faz seu o compromisso do Sinodo para a adoção de rigorosas medidas de prevenção e exprime gratidão «a quantos têm a coragem de denunciar o mal sofrido» (99), recordando que «graças a Deus», os sacerdotes que calram nestes crimes horríveis não constituem a maioria; esta mantém um ministério fiel e generoso». Pede aos jovens, se vêem um sacerdote em risco, porque tomou um rumo errado, de ter a ousadia e a coragem de lhe lembrar o seu compromisso para com Deus e o seu povo (100).

O abuso não é o único pecado dos membros da Igreja. «Os nossos pecados estão à vista de todos; refletem-se, impiedosamente, nas rugas do rosto milenar da nossa Mãe», mas a Igreja não recorre a cirurgias estéticas, «não tem medo de mostrar os pecados dos seus membros». «Lembre-mos, porém, que não se abandona a Mãe quando está ferida» (101). Este momento sombrio, com a ajuda preciosa dos jovens, «pode verdadeiramente ser uma oportunidade para uma reforma de alcance histórico para se abrir a um novo Pentecostes» (102).

Francisco recorda aos jovens que «há uma vida de saída» em todas as situações escuras e dolorosas. Recorda a boa notícia que nos deu a manhã da Ressurreição. E explica que mesmo se o mundo digital pode expor a tantos riscos, há jovens que sabem ser criativos e gentis nestes ámbitos. É o caso do jovem servo de Deus Carlos Acutis, que «soube usar as novas técnicas de comunicação para transmitir o Evangelho» (105), não caiu na armadilha e dizia: «todos nascem como originais, mas muitos morrem como fotocópias». Não deixes que isto te aconteça» (106), adverte o Papa. «Não deixes que te roube a esperança e a alegria, que te narcotizem para te usar como escravo dos seus interesses» (107), procura a grande meta da santidade: «Ser jovem não significa apenas procurar prazeres transitórios e sucessos superficiais. Para a juventude desempenhar a finalidade que lhe cabe no curso da vida, deve ser um tempo de doação generosa, de oferta sincera» (108). «Se és jovem em idade, mas te sentes frágil, cansado ou desiludido, pede a Jesus que te renove» (109). Mas recordando sempre que «é muito difícil lutar contra... as ciladas e tentações do demónio e do mundo egoísta, se estivermos isolados» (110), serve, de fato, uma vida comunitária.

## Quarto capítulo: «O grande anúncio para todos os jovens»

A todos os jovens o Papa anuncia três grandes verdades. Um «Deus que é amor» e portanto «Deus ama-te. Nunca divides disto» (112) e depois



Georges Rouault, «Cristo e os discípulos de Emaús»



## Exortação pós-sinodal sob forma de Carta aos jovens

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 8

«lançar-te, com segurança, nos braços do teu Pai divino» (113). Francisco afirma que a memória do Pai «não é um “disco rígido” que grava e armazena todos os nossos dados, a sua memória é um coração terno e rico de compaixão, que se alegra em eliminar definitivamente todos os nossos vestígios de mal... Porque te ama. Procura ficar um momento em silêncio, deixando-te amar por Ele» (115). E o seu é um amor que «entende mais de levantamentos que de quedas, mais de reconciliação que de proibições, mais de dar nova oportunidade que de condenar, mais de futuro que de passado» (116).

A segunda verdade é que «Cristo salva-te». «Nunca esqueças que «Ele perdoa setenta vezes sete. Volta uma vez e outra a carregar-nos aos seus ombros» (119). Jesus ama-nos e salva-nos porque «só o que se ama pode ser salvo. Só o que se abraça, pode ser transformado. O amor do Senhor é maior que todas as nossas contradições, que todas as nossas fragilidades e que todas as nossas mesquinhices» (120). E «o seu perdão e a sua salvação não são algo que compramos, ou que temos de adquirir com as nossas obras ou com os nossos esforços. Jesus perdoa-nos e liberta-nos gratuitamente» (121). A terceira verdade é que «Ele vive!». «É preciso recordá-lo... porque corremos o risco de tomar Jesus Cristo apenas como um bom exemplo do passado, como uma recordação, como Alguém que nos salvou há dois mil anos. De nada nos aproveitaria isto: deixava-nos como antes, não nos libertaria» (124). Se «Ele vive, isso é uma garantia de que o bem pode triunfar na nossa vida... Então podemos deixar de nos lamentar e podemos olhar em frente, porque com Ele é possível sempre olhar em frente» (127).

Nestas verdades aparece o Pai e aparece Jesus. E onde estão o Pai e Jesus, também está o Espírito Santo. «Todos os dias invoca o Espírito Santo... Tu não perdes nada e Ele pode mudar a tua vida, pode iluminá-la e dar-lhe um rumo melhor. Não te mutila, não te tira nada, antes ajuda-te a encontrar da melhor maneira aquilo que precisas» (131).

### Quinto capítulo:

#### «Percurso de juventude»

«O amor de Deus e a nossa relação com Cristo vivo não nos impedem de sonhar, não nos pedem para restringir os nossos horizontes. Pelo contrário, esse amor instiga-nos, estimula-nos, lança-nos para uma vida melhor e mais bela. A palavra «inquietude» resume muitas das aspirações do coração dos jovens» (138). Pensando num jovem o Papa vê aquele que tem os pés sempre um atrás do outro, pronto a arrancar, a partir. Sempre a olhar para diante (139). A juventude não pode ser um «tempo suspenso», porque é «a idade das escolhas» em âmbito profissional, social, político e também na escolha do seu par e na opção de ter os primeiros filhos. A ânsia «pode tornar-se uma grande inimiga, quando leva a render-nos, porque desco-

brimos que os resultados não são imediatos. Os sonhos mais belos conquistam-se com esperança, paciência e determinação, renunciando à pressa. Ao mesmo tempo, é preciso não se deixar bloquear pela insegurança: não se deve ter medo de arriscar e cometer erros» (142). Francisco convida os jovens a não observar a vida da sacada, a não passar a vida diante dum visor, a não se reduzir a veículo abandonado, a não olhar o mundo como turistas. Fazem ouvir! Lança fora os medos que vos paralisam... Vivei!» (143). Convida-os a «viver o presente» para viver plenamente e com gratidão cada um dos pequenos presentes da vida sem «ser insaciáveis» e «obcecados por prazeres sem fim» (146). Viver o presente, de fato, «não significa abandonar-se a uma libertinagem irresponsável que nos deixa vazios e sempre insatisfeitos» (147).

«Não conhecerás a verdadeira plenitude de ser jovem, se... não viveres na amizade de Jesus» (150). A amizade com Jesus é indissolúvel, porque nunca nos deixa (154) e assim como o amigo, «conversamos, partilhámos as coisas mais secretas. Com Jesus, também conversamos»: rezando «abrimos o jogo a Ele, damos-lhe lugar «para que Ele possa agir, possa entrar e possa vencer» (155). «Não privas a tua juventude desta amizade», «viverás a experiência estupenda de saber que estás sempre acompanhado» como os discípulos de Emaús (156): São Oscar Romero dizia: «O cristianismo não é um conjunto de verdades em que é preciso acreditar, de leis que se devem observar, de proibições. Apresentado assim, repugna. O cristianismo é uma Pessoa que me amou tanto que reclama o meu amor. O cristianismo é Cristo».

O Papa falando do crescimento e da maturação, indica portanto a importância de buscar «um desenvolvimento espiritual», de «buscar o Senhor e guardar a sua Palavra», de manter «a união com Jesus... porque não crescerás na felicidade e santidade só com as tuas forças e a tua mente» (158). Também o adulto deve maturar, sem perder os valores da juventude: «Em cada momento da vida, podemos renovar e fazer crescer a nossa juventude. Quando comeci o meu ministério como Papa, o Senhor alargou os meus horizontes e deu-me uma renovada juventude. O mesmo pode acontecer com um casal já com muitos anos de matrimónio, ou com um monge no seu mosteiro» (160). Crescer «quer dizer conservar e alimentar as coisas mais preciosas que te oferece a juventude, mas ao mesmo tempo significa estar disponível para purificar o que não é bom» (161).

«Lembro-te, porém, que não serás santo nem te realizarás copiando os outros. Quando se fala em imitar os santos, não significa copiar o seu modo de ser e de viver a santidade» (162). Francisco propõe «percursos de fraternidade» para viver a fé, recordando que «o Espírito Santo quer impelir-nos a sair de nós mesmos, para abraçar os outros... Por isso, é sempre melhor vivermos a fé juntos e expressar o nosso amor numa vida comunitária» (164), supondo «a tentação de nos fecharmos

em nós mesmos, nos nossos problemas, sentimentos feridos, lamentações e comodidades» (166). «Deus ama a alegria dos jovens e convida-os sobretudo à alegria que se vive na comunhão fraterna» (167).

O Papa fala depois dos «jovens comprometidos», afirmando que podem correr «o risco de se fechar em pequenos grupos... Têm a sensação de viver o amor fraterno, mas o seu grupo talvez se tenha tornado um simples prolongamento do próprio eu. Isto agrava-se, se a vocação do leigo for concebida unicamente como um serviço interno da Igreja... esquecendo-se que a vocação laical é, antes de mais nada, a caridade na família, a caridade social e caridade política» (168). Francisco propõe que os jovens vão «mais além dos grupos de amigos e constroam a amizade social: «buscar o bem comum chama-se amizade social. A inimizade social destrói. E uma família destrói-se pela inimizade. Um país destrói-se pela inimizade. O mundo destrói-se pela inimizade. E a inimizade maior é a guerra. E hoje vemos que o mundo se está a destruir pela guerra. Porque são incapazes de se sentar e falar» (169).

«O empenho social e o contacto direto com os pobres continuam a ser uma oportunidade fundamental para descobrir ou aprofundar a fé e para discernir a própria vocação» (170). O Papa cita o exemplo positivo dos jovens nas paróquias, escolas e movimentos que «costumam ir fazer companhia a idosos e enfermos, visitar bairros pobres» (171). Enquanto «outros jovens participam em programas sociais que visam construir casas para os sem-abrigo, bonificar áreas contaminadas, ou recolher ajudas para os mais necessitados. Seria bom que esta energia comunitária fosse aplicada não só em ações esporádicas, mas de forma estável». Os universitários «podem unir-se de forma interdisciplinar para aplicar os seus conhecimentos na resolução de problemas sociais e, nesta tarefa, podem trabalhar lado a lado com jovens doutras Igrejas e doutras religiões» (172). Francisco encoraja os jovens a assumirem este compromisso: «Vejo que muitos jovens, em tantas partes do mundo, saíram para as ruas para expressar o desejo de uma civilização mais justa e fraterna... São jovens que querem ser protagonistas da mudança... Não deixeis para outros o ser protagonista da mudança!» (174).

Os jovens são chamados a ser «missionários corajosos» testemunhando o Evangelho em toda a parte, com a sua própria vida, o que não significa «falar da verdade, mas vivê-la» (175). A palavra, porém, não deve ser mantida em silêncio: «Sede capazes de ir contracorrente, compartilhar Jesus, comunicar a fé que Ele vos deu» (176). Para onde Jesus nos manda? «Não há fronteiras, não há limites: envia-nos a todas as pessoas. O Evangelho é para todos, e não apenas para alguns. Não é apenas para aqueles que parecem aos nossos olhos mais próximos, mais abertos, mais acolhedores. É para todos» (177). Não se pode esperar que «a missão seja fácil e cómoda» (178).

### Sexto capítulo:

#### «Jovens com raízes»

Francisco diz que lhe faz mal «ver que alguns propõem aos jovens a construção de um futuro sem raízes, como se o mundo começasse agora» (179). Se uma pessoa «vos fizer uma proposta dizendo para ignorardes a história, não aproveitardes da experiência dos mais velhos, desprezardes todo o passado olhando apenas para o futuro que essa pessoa vos oferece, não será uma forma fácil de vos atrair para a sua proposta a fim de fazerdes apenas o que ela diz? Aque-la pessoa precisa de vós vazios, desenraizados, desconfiados de tudo, para vos fiardes apenas nas suas promessas e vos submeterdes aos seus planos. Assim procedem as ideologias de variadas cores, que destroem (ou desconstruem) tudo o que for diferente, podendo assim reinar sem oposições» (181). Os manipuladores usam também a adoração da juventude: «O corpo jovem torna-se o símbolo deste novo culto e, consequentemente, tudo o que tenha a ver com este corpo é idolatrado e desejado sem limites, enquanto o que não for jovem é olhado com desprezo. Mas é uma arma que acaba por degradar os jovens» (182). «Queridos jovens, não permitais que usem a vossa juventude para promover uma vida superficial, que confunde beleza com aparência» (183), porque há beleza no trabalhador que regressa a casa surrado, na esposa mal penteada e já um pouco idosa, que continua a cuidar do seu marido doente, na fidelidade dos casais que se amam no outono da vida. Hoje, ao invés, promovem-se «uma espiritualidade sem Deus, uma afetividade sem comunidade nem compromisso com os que sofrem, o medo dos pobres vistos como sujeitos perigosos, e uma série de ofertas que pretendem fazer-vos acreditar num futuro paradisíaco que será sempre adiado para mais tarde» (184): o Papa convida os jovens a não se deixarem dominar por essa ideologia que leva a «autênticas formas de colonização cultural» (185) que desenraíza os jovens das pertenças culturais e religiosas das quais são provenientes com uma tendência para «homogeneizá-los» transformando-os em sujeitos manipuláveis feitos em série (186).

Fundamental é a «relação com os idosos», que ajuda os jovens a descobrir a riqueza viva do passado, conservando-a na memória. «A Palavra de Deus recomenda que não se perca o contacto com os idosos, para poder recolher a sua experiência» (188). «Isto não significa que tenhas de estar de acordo com tudo o que eles dizem, nem que deves aprovar todas as suas ações» trata-se «simplesmente de se manter aberto para recolher uma sabedoria que se comunica de geração em geração» (190). «Ao mundo, nunca foi nem será de proveito a ruptura entre gerações... É a mentira que deseja fazer-te crer que só o novo é bom e belo» (191).

Falando de «sonhos e visões», Francisco observa: «Se os jovens e os idosos se abrirem ao Espírito



CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 10

Santo, juntos produzem uma combinação maravilhosa: os idosos sonham e os jovens têm visões» (192); se «os jovens se enraizarem nos sonhos dos idosos, conseguem ver o futuro» (193). É preciso, portanto «arriscar juntos», caminhando juntos jovens e idosos: as raízes «não são âncoras que nos prendem», mas «são um ponto de arraigamento que nos permite crescer e responder aos novos desafios» (200).

### Sétimo capítulo: «A pastoral dos jovens»

O Papa explica que a pastoral juvenil foi abalroada pelas mudanças sociais e culturais e os jovens não encontram resposta para as suas inquietudes, necessidades, problemas e feridas» (202). Os próprios jovens «são agentes da pastoral juvenil, acompanhados e orientados mas livres para encontrar caminhos sempre novos, com criatividade e ousadia». Por conseguinte, «precisa colocar em campo a sagacidade, o engenho e o conhecimento que os próprios jovens têm da sensibilidade, linguagem e problemáticas dos outros jovens» (203). A pastoral juvenil precisa de adquirir outra flexibilidade, «convidando os jovens para acontecimentos que, de vez em quando, lhes proporcionem um espaço onde não só recebam uma formação, mas lhes permitam também compartilhar a vida, festejar, cantar, escutar testemunhos concretos e experimentar o encontro comunitário com o Deus vivo» (204).

A pastoral juvenil só pode ser sinodal, isto é, capaz de dar forma a um «caminhar juntos» e envolve duas grandes linhas de ação: a primeira é a busca, a segunda é o crescimento. Para a primeira, Francisco confia na capacidade dos próprios jovens de «encontrar os caminhos atraentes para convidar»: «devemos apenas estimular os jovens e dar-lhes liberdade de ação». O mais importante, porém, «é que cada jovem ouse semear o primeiro anúncio na terra fértil que é o coração doutro jovem» (210). Deve-se privilegiar «a linguagem da proximidade, a linguagem do amor desinteressado, relacional e existencial que toca o coração», aproximando-se dos jovens «com a gramática do amor, não com o proselitismo» (211). No que diz respeito ao crescimento, Francisco chama a atenção de propor aos jovens toca-

dos por uma experiência intensa de Deus «encontros de “formação” onde se abordam apenas questões doutrinais e morais... Resultado: muitos jovens aborrecem-se, perdem o fogo do encontro com Cristo e a alegria de O seguir» (212). Qualquer projeto formativo «deve, certamente, incluir uma formação doutrinal e moral». De igual modo é importante que «estejam centrados» sobre o querigma, isto é «a experiência fundante do encontro com Deus através de Cristo morto e ressuscitado», e sobre o crescimento «no amor fraterno, na vida comunitária, no serviço» (213). Por isso, «a pastoral juvenil deveria incluir sempre momentos que ajudem a renovar e aprofundar a experiência pessoal do amor de Deus e de Jesus Cristo vivo» (214). E deve ajudar os jovens a «crescer na fraternidade, viver como irmãos, auxiliar-se mutuamente, criar comunidade, servir os outros, aproximar-se dos pobres» (215).

As instituições da Igreja tornem-se, portanto «ambientes adequados, desenvolvendo «capacidade de acolhida»: «Nas nossas instituições devemos oferecer lugares que eles possam gerir a seu gosto, com a possibilidade de entrar e sair livremente, lugares que os acolham e onde lhes seja possível encontrar-se, espontânea e confiadamente, com outros jovens tanto nos momentos de sofrimento ou de chatices como quando desejam festejar as suas alegrias» (218).

Francisco descreve então «a pastoral das instituições educacionais», afirmando que a escola «precisa duma urgente autocritica». E recorda que «há escolas católicas que parecem ser organizadas somente para conservar o existente... A escola transformada num “bunker”, que protege dos erros “de fora”: tal é a caricatura desta tendência». Quando os jovens saem advertem «um desfasamento insanável entre o que lhes ensinaram e o mundo onde lhes cabe viver». Na realidade, «uma das maiores alegrias dum educador é ver um aluno constituir-se como uma pessoa forte, integrada, protagonista e capaz de se doar» (221). Não se pode separar a formação espiritual da formação cultural: «Eis a vossa tarefa: responder aos estímulos paralisantes do consumismo cultural com escolhas dinâmicas e fortes, com a investigação, o conhecimento e a partilha» (223). Entre as «áreas de desenvolvimento pastoral», o Papa indica as «expressões artísticas» (226), a «prática desportiva» (227), e

o compromisso pela salvaguarda do meio ambiente (228).

Serve «uma pastoral juvenil popular», «mais ampla e flexível que estimula, nos distintos lugares onde se movem concretamente os jovens, as lideranças naturais e os carismas que o Espírito Santo já semeou entre eles. Trata-se, antes de mais nada, de não colocar tantos obstáculos, normas, controles e enquadramentos obrigatórios aos jovens crentes que são líderes naturais nos bairros e nos diferentes ambientes. Devemos limitar-nos a acompanhá-los e estimulá-los» (230). Pretendendo «uma pastoral juvenil asséptica, pura, caracterizada por ideias abstratas, afastada do mundo e preservada de toda a mancha, reduzimos o Evangelho a uma proposta insípida, incompreensível, distante, separada das culturas juvenis e adaptada só a uma elite juvenil cristã que se sente diferente, mas na verdade flutua num isolamento sem vida nem fecundidade» (232). Francisco convida a ser «uma Igreja com as portas abertas. Não é necessário sequer que uma pessoa aceite completamente todos os ensinamentos da Igreja para poder participar em alguns dos nossos espaços dedicados aos jovens» (234): «deve haver espaço também para «todos aqueles que têm outras visões da vida, professam outras crenças ou se declaram alheios ao horizonte religioso» (235). O ícone desta abordagem é-nos oferecido pelo episódio evangélico dos discípulos de Emaús: Jesus interroga-os, escuta-os com paciência, ajuda-os a reconhecer o que estão vivendo, a interpretar à luz das Escrituras o que viveram, aceita ficar com eles, entra na noite deles. São eles mesmos que escolhem retomar sem demora o caminho na direção oposta (237).

«Sempre missionários». Lembra que não há necessidade de fazer um longo percurso para que os jovens se tornem missionários: «Um jovem que vai em peregrinação pedir ajuda a Nossa Senhora e convida um amigo ou um companheiro para que o acompanhe, com este gesto simples está a realizar uma valiosa ação missionária» (239). A pastoral juvenil «deve ser sempre uma pastoral missionária» (240). E os jovens precisam de ser respeitados na sua liberdade, «mas necessitam também de ser acompanhados» pelos adultos, a família deveria ser o primeiro espaço de acompanhamento (242), e também pela comunidade: «Isto implica que se olhe para os jovens com compreensão, estima e afeto, e não que sejam julgados continuamente ou lhes seja exigida uma perfeição que não corresponde à sua idade» (243). Adverte-se a carência de pessoas especializadas e dedicadas ao acompanhamento (244) e «e algumas jovens notam uma falta de figuras femininas de referência dentro da Igreja» (245). Os mesmos jovens «descreveram-nos» as características que esperam encontrar num acompanhador; «ser um cristão fiel comprometido na Igreja e no mundo; uma tensão contínua para a santidade; não julgar, mas cuidar; escutar ativamente as necessidades dos jovens; responder com gentileza; conhecer-se; saber reconhecer os seus limites; conhecer as alegrias e as tribulações da

vida espiritual. Uma qualidade de primária grandeza é saber reconhecer-se humano e capaz de cometer erros: não perfeitos, mas pecadores perdoados» (246). Devem saber «caminhar juntos» com os jovens respeitando a sua liberdade.

### Oitavo capítulo: «A vocação»

«O ponto fundamental é discernir e descobrir que aquilo que Jesus quer de cada jovem é, antes de tudo, a sua amizade» (250). A vocação missionária tem a ver com o nosso serviço aos outros. «Com efeito, a nossa vida na terra atinge a sua plenitude, quando se transforma em oferta» (254). «Para realizar a própria vocação, é necessário desenvolver-se, fazer germinar e crescer tudo aquilo que uma pessoa é. Não se trata de inventar-se, criar-se a si mesmo do nada, mas descobrir-se a si mesmo à luz de Deus e fazer florescer o próprio ser» (257). E este «ser para os outros» na vida de cada jovem está relacionado com duas questões fundamentais: a formação duma nova família e o trabalho» (258).

No que diz respeito ao «amor e à família», o Papa escreve que os «jovens sentem fortemente a chamada ao amor e sonham encontrar a pessoa certa com quem formar uma família» (259), e o sacramento do matrimónio «corrobora este amor com a graça de Deus, arraigando-o no próprio Deus» (260). Deus criou-nos sexuados. Ele próprio criou a sexualidade, que é um presente maravilhoso e portanto, sem tabus. É um dom que o Senhor nos dá. «E fá-lo com dois propósitos: amar-se e gerar vida. É uma paixão... O verdadeiro amor é apaixonado» (261). Francisco observa que «o aumento de separações, divórcios... pode causar grandes sofrimentos e crises de identidade nos jovens. Por vezes, têm de assumir responsabilidades desproporcionadas para a sua idade» (262). Apesar de todas as dificuldades, «Quero dizer-vos... que vale a pena apostar na família e que nela encontrareis os melhores estímulos para amadurecer e as mais belas alegrias para partilhar. Não deixeis que vos roubem a possibilidade de amar a sério» (263). «Julgar que nada pode ser definitivo é um engano e uma mentira... peço-vos para serdes revolucionários, peço-vos para irdes contracorrente» (264).

No que diz respeito ao trabalho, o Papa escreve: «Peço aos jovens que não esperem viver sem trabalhar, dependendo da ajuda doutros. Isto não faz bem, porque «o trabalho é uma necessidade, faz parte do sentido da vida nesta terra, é caminho de maturação, desenvolvimento humano e realização pessoal. Neste sentido, ajudar os pobres com o dinheiro deve ser sempre um remédio provisório para enfrentar emergências» (269). E depois de notar como no mundo do trabalho os jovens experimentam formas de exclusão e marginalização (270), afirma a propósito do desemprego juvenil: «É uma questão... que a política deve considerar como prioritária, sobretudo

CONTINUA NA PÁGINA 12



Francisco recomendou um turismo mais atento e consciente

## Elogio da lentidão

*A lentidão «gera atenção aos lugares e às pessoas, fidelidade à terra e dedicação a ela». Foi por este motivo que o Papa a indicou aos dirigentes e sócios do Centro turístico juvenil — recebidos em audiência na manhã de 22 de março, na sala Paulo VI — como um «modo diferente e mais consciente» de viajar e visitar lugares e territórios. Eis as palavras do Santo Padre.*

Estimados jovens!

Bem-vindos! Saúdo todos vós com afeto e agradecimento ao Presidente as palavras que me dirigiu. Gostaria de vos transmitir alguns estímulos, a propósito do vosso compromisso e do vosso percurso associativo, mas também recebo de vós o entusiasmo da idade juvenil, que emerge dos vossos rostos e da fantasia que mostrais, propondo muitas iniciativas, reflexo da criatividade infinita do Espírito de Deus!

A vossa Associação completa setenta anos. É uma bonita meta, mas é somente a etapa de um percurso. Com efeito, valorizando o precioso caminho percorrido até agora, sois chamados a crescer mais, a desenvolver as vossas atividades e a difundir muitos outros frutos de bem. Há



precisamente setenta anos, alguns membros da Juventude da Ação Católica, em viagem com Carlo Carretto no comboio que os levava a Genebra, tiveram a ideia de fundar o Centro Turístico Juvenil. Sentiram-na verdadeiramente como uma inspiração, a tal ponto que depois de nem sequer dois meses deram vida à Associação, sob a liderança de Carlo, propondo-se serem os portadores, através de múltiplas atividades recreativas e culturais, de vínculos sociais inspirados na participação e nu-

ma visão integral da pessoa humana, cultivando o sonho de animar e transformar o ambiente social.

Falando de “visão integral da pessoa”, certamente não entendemos uma teoria, mas um modo de viver e de agir; esta visão não se encontra antes de tudo num manual, mas em pessoas que vivem segundo este estilo: com os olhos abertos para o mundo, de mãos dadas com outras pessoas, com o coração sensível às fragilidades dos irmãos. Poderíamos até dizer que a “integridade” na qual vos inspirais não alude à perfeição, mas à imperfeição; não se refere tanto à completude do indivíduo, quanto à sua incompletude e à necessidade de olhar ao redor para uma compreensão recíproca mais profunda; não impede a um imobilismo orgulhoso de si, mas a uma busca humilde de conhecimentos sempre novos, do contacto com as pessoas, as culturas e as problemáticas da nossa época.

É com estas finalidades que a vossa Associação promove o turismo; um turismo que não se inspira nos cânones do consumismo nem apenas desejo de acumular experiências, mas capaz de favorecer o encontro entre as pessoas e o território, e de fazer crescer no conhecimento e no respeito mútuo. Quando se visita uma cidade, é importante não só conhecer os seus monumentos, mas também dar-se conta da história que está por detrás dela, do modo como os seus cidadãos vivem, dos desafios que eles procuram enfrentar. Quando subo a uma montanha, além de me manter nos limites que a natureza me impõe, deverei respeitá-la admirando a sua beleza e salvaguardando o meio ambiente, criando deste modo como que um vínculo com os elementos naturais, feito de conhecimento, reconhecimento e valorização.

Definistes sabiamente este modo de viajar “Turismo lento”, contrapondo-o ao turismo de massa, porque promove a qualidade e a experiência, a solidariedade e a sustentabilidade. Como  *Mascote* deste turismo atento e construtivo escolhestes uma tartaruga, representada no cartão de sócio deste ano que, com a sua calma determinada nos ensina que a lentidão — se não for fruto de preguiça — gera atenção aos lugares

e às pessoas, fidelidade à terra e dedicação a ela.

Agora, precisamente a prática do “Turismo lento”, baseada na animação e na educação cultural e ambiental, vos ajuda a viver de modo diverso e mais consciente cada momento da vida quotidiana, inclusive os de trabalho e de maior compromisso. Por conseguinte, desejo que mantenhas a amplidão dos vossos horizontes, que vivais os espaços com a lentidão vigilante da tartaruga e que animeis o tempo livre de maneira jubilosa e gratuita.

Ao saudar-vos, referi-me ao entusiasmo típico da vossa idade, mas é preciso reconhecer que muitos jovens, em vez de se sentir desejosos de construir o futuro, infelizmente sentem-se desiludidos e desanimados. Talvez por causa do pessimismo que os circunda, eles não ousam voar alto, mas contentam-se com sobreviver ou ir vivendo. É desagradável quando um jovem vai vivendo e não vive, já está “reformado”; é terrível que um jovem esteja aposentado! Precisamente à luz da vossa espiritualidade, no seio do Centro Turístico Juvenil podeis tornar-vos companheiros de viagem de muitos vossos coetâneos; podeis ajudá-los a fazer florescer o entusiasmo, se já não o sentem porque sepultado debaixo dos escombros do desencanto ou da densa poeira dos maus exemplos. A partilha do tempo livre como tempo de qualidade pode tornar-se uma boa chave para abrir a porta do coração de numerosos jovens, gerando vínculos de amizade capazes de transmitir valores autênticos e a própria fé.

O reconhecimento, recebido pelo Centro Turístico Juvenil da parte dos mais altos órgãos do Estado, da finalidade assistencial e — principalmente — de promoção social, vos confirme nos vossos propósitos e vos leve a assumir um compromisso cada vez mais generoso. Por sua vez, a Igreja olha para vós com reconhecimento e esperança, e convida-vos a professar sempre com orgulho a vossa catolicidade: ser católico não significa estar fechado dentro de um recinto mas, ao contrário, abrir-se ao mundo, desejosos de encontrar porque tencionados a viver “segundo o tudo” e para o bem de todos.

À luz destas considerações, compreendemos com clareza que a memória do aniversário da Associação significa celebrar um chamamento e, portanto, reconhecer uma missão no seio da Igreja e da família humana. Carlo Carretto exortaria cada um de nós, recordando-nos que: «Se beberes o vinho que o próprio Deus te oferece, serás feliz» (*Meditações quotidianas*). Conservai o património de espiritualidade e o exemplo do vosso Fundador. Vivei tudo na oração e, portanto, no enlevo e na ação de graças. Hoje rezo juntamente convosco e por vós, a fim de que o Senhor continue a abençoar a vossa obra e vos acompanhe com a sua consolação. E, por favor, peço-vos uma oração também por mim.

Obrigado!

## Exortação pós-sinodal

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 11

hoje que a velocidade dos avanços tecnológicos, aliada à obsessão de reduzir os custos laborais, pode levar rapidamente à substituição de inúmeros postos de trabalho por máquinas» (271). E aos jovens diz: «É verdade que não podes viver sem trabalhar e que, às vezes, tens de aceitar o que encontras, mas nunca renuncies aos teus sonhos, nunca enterres definitivamente uma vocação, nunca te des por vencido» (272).

Francisco conclui este capítulo falando das “vocações a uma consagração especial”. «No discernimento duma vocação, não se deve excluir a possibilidade de consagrar-se a Deus... Porquê excluí-lo? Podes ter a certeza de que, se reconheceres uma chamada de Deus e a seguires, será isso que dará plenitude à tua vida» (276).

### Nono capítulo: «O discernimento»

O Papa recorda que «sem a sapiência do discernimento, podemos facilmente transformar-nos em marionetes à mercê das tendências da ocasião» (279). «Uma expressão do discernimento é o esforço por reconhecer a própria vocação. É uma tarefa que requer espaços de solidão e silêncio, porque se trata duma decisão muito pessoal que mais ninguém pode tomar no nosso lugar» (283). «O dom da vocação será, sem dúvida, um dom exigente.

Os dons de Deus são interativos e, para os desfrutar, é preciso pôr-me em campo, arriscar» (289).

A quem ajuda os jovens no discernimento pedem-se três sensibilidades. A primeira é a atenção à pessoa: «trata-se de escutar o outro, que se nos dá com as suas palavras» (292). A segunda consiste no discernir, isto é «trata-se de individuar o ponto certo onde se discerne o que é graça e o que é tentação» (293). A terceira consiste em «escutar os impulsos “para diante” que o outro experimenta. É a escuta profunda do ponto «para onde o outro quer verdadeiramente ir» (294). Quando alguém escuta o outro desta maneira, «a dado momento deve desaparecer para o deixar seguir o caminho que ele descobriu. Desaparecer como desaparece o Senhor da vista dos seus discípulos» (296). Devemos «suscitar e acompanhar processos, não impor percursos. Trata-se de processos de pessoas, que são sempre únicas e livres. Por isso é difícil elaborar receituários» (297).

A exortação conclui-se com «um desejo» do Papa Francisco: «Queridos jovens, ficarei feliz vendo-vos correr mais rápido do que os lentos e medrosos. Correi atraídos por aquele Rosto tão amado, que adoramos na sagrada Eucaristia e reconhecemos na carne do irmão que sofre... A Igreja precisa do vosso ímpeto, das vossas intuições, da vossa fé... E quando chegardes aonde nós ainda não chegamos, tende a paciência de esperar por nós» (299).

# O ministério da misericórdia é via de santificação

Aos participantes no curso promovido pela Penitenciaría apostólica

*O sacramento da reconciliação «é uma verdadeira via de santificação»:* recordou o Papa Francisco aos participantes no curso sobre o foro íntimo promovido pela Penitenciaría apostólica, durante a audiência que teve lugar no dia 29 de março, na Sala Paulo VI.

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Recebo-vos neste tempo de Quaresma, por ocasião do Curso sobre o Foro íntimo, que este ano chegou à trigésima edição.

E gostaria de acrescentar – fora do texto – uma palavra sobre o termo “foro íntimo”. Esta não é uma expressão à toa: é dita a sério! Foro íntimo é foro íntimo e não pode ser externo. E digo isto porque me dei conta de que nalguns grupos na Igreja, os encarregados, os superiores – digamos assim – misturam as duas coisas e inspiram-se no foro íntimo para as decisões externas, e vice-versa. Por favor, isto é pecado! É um pecado contra a dignidade da pessoa que confia no sacerdote, manifesta a própria realidade para pedir o perdão, e depois usamo-la para resolver coisas de um grupo ou de um movimento, talvez – não sei, invento – talvez até de uma nova congregação, não sei. Mas foro íntimo é foro íntimo. É uma coisa sagrada. Queria dizer isto, porque me preocupa.

Dirijo uma cordial saudação ao Cardeal Mauro Piacenza, Penitenciário-Mor, e agradeço-lhe as gentis palavras que me quis transmitir. Com ele saúdo toda a família da Penitenciaría Apostólica.

A importância do “ministério da misericórdia”, justifica, exige e quase nos impõe uma formação adequada, para que o encontro com os fiéis que pedem o perdão de Deus seja sempre um real encontro de salvação, no qual o abraço do Senhor seja sentido em toda a sua força, capaz de mudar, converter, curar e perdoar.

Trinta anos de experiência do vosso Curso sobre o Foro íntimo sacramental, não são muitos em relação à longa história da Igreja e à antiguidade da Penitenciaría Apostólica, que é o mais antigo Tribunal ao serviço do Papa: um tribunal de misericórdia! E agrada-me muito que seja assim.

Contudo, trinta anos, nesta nossa época que corre tão rapidamente, são um tempo suficientemente longo para poder fazer reflexões e balanços. Além disso, o número muito alto de participantes – este ano mais de setecentos! O Cardeal disse que teve que interromper as inscrições por motivos logísticos. Parece uma brincadeira que não haja espaço no Vaticano! Parece uma brincadeira! – indica quanto é urgente a necessidade de formação e segurança, em relação a matérias tão importantes para a vida da Igreja e o cumprimento

da missão que o Senhor Jesus lhe confiou.

Se de muitas partes se afirma que a Confissão, e com ela o sentido do pecado, está em crise – e não podemos deixar de reconhecer uma certa dificuldade do homem contemporâneo em relação a isto – esta numerosa participação de sacerdotes, recém-ordenados e ordenandos, testemunha o interesse permanente em trabalhar juntos para enfrentar e superar a crise, antes de tudo com as “armas da fé”, e oferecendo um serviço cada vez mais qualificado e capaz de manifestar realmente a beleza da Misericórdia divina.

Jesus veio salvar-nos revelando-nos o rosto misericordioso de Deus e atraindo-nos para Si com o seu Sacrifício de amor. Então devemos recordar-nos sempre de que o Sacramento da Reconciliação é uma verdadeira *via de santificação*, e é sinal eficaz que Jesus deixou à Igreja para que a porta da casa do Pai ficasse sempre aberta e deste modo os homens tivessem sempre a possibilidade de voltar para Ele.

A Confissão sacramental é *via de santificação* tanto para o penitente como para o confessor. E vós, queridos jovens confessores, fareis depressa esta experiência.

Para o penitente é claramente *via de santificação*, porque, como frisei

várias vezes durante o recente Jubileu da Misericórdia, a absolvição sacramental, validamente celebrada nos restitui a inocência batismal, a comunhão plena com Deus. Aquela comunhão que Deus nunca interrompe com o homem, mas à qual o homem por vezes se subtrai usando mal o dom maravilhoso da liberdade.

Para o encontro com os sacerdotes da minha diocese, este ano escolheram como mote “Reconciliação, irmã do Batismo”. O sacramento da Penitência é “irmão” do Batismo. Para nós sacerdotes, o quarto sacramento é *via de santificação* antes de tudo quando, humildemente, como todos os pecadores, nos ajoelhamos diante do confessor e imploramos para nós mesmos a Misericórdia divina. Recordemos sempre – e isto ajudará muito – antes de ir para o confessional, ser primeiro pecadores perdoados e, só depois, ministros do perdão.

Além disso – e este é um dos muitos dons que o amor de predileção de Cristo nos reserva – como confessores temos o privilégio de contemplar constantemente os “mila-

gres” das conversões. Devemos reconhecer sempre a ação poderosa da graça, que é capaz de transformar o coração de pedra em coração de carne (cf. Ez 11, 19), de transformar um pecador que fugiu para longe num filho arrependido que volta para a casa do pai (cf. Lc 15, 11-32).

Por este motivo a Penitenciaría, com este Curso sobre o Foro íntimo, oferece um serviço eclesial, favorecendo a formação necessária para uma celebração reta e eficaz do sacramento da Reconciliação, pressuposto indispensável para que seja frutuoso. Isto porque cada uma das Confissões seja sempre um novo e definitivo passo rumo a uma santificação mais perfeita; um abraço tenro, cheio de misericórdia, que contribua para dilatar o Reino de Deus, Reino de amor, de verdade e de paz.

A própria Reconciliação é um bem que a sabedoria da Igreja sempre salvaguardou com toda a sua força moral e jurídica com o sigilo sacramental. Ele, mesmo se nem sempre é compreendido pela mentalidade moderna, é indispensável para a santidade do sacramento e para a liberdade de consciência do penitente, o qual deve ter a certeza, sem dúvida, em qualquer momento, de que o diálogo sacramental permanecerá no segredo do confessional, entre a própria consciência que se abre à graça e Deus, com a mediação necessária do sacerdote. O sigilo sacramental é indispensável e nenhum poder humano tem jurisdição sobre ele, nem o pode reivindicar para si.

Queridos jovens sacerdotes, futuros sacerdotes, queridos Penitenciaríes, exorto-vos a ouvir sempre com grande generosidade as Confissões dos fiéis – é preciso paciência, mas sempre com o coração aberto, com espírito de pai – exorto-vos a percorrer com eles a *via de santificação* que é o sacramento, contemplar os “milagres” de conversão que a graça realiza no segredo do confessional, milagres dos quais só vós e os anjos sereis testemunhas. E que possais santificar-vos sobretudo vós, no humilde e fiel exercício do ministério da Reconciliação.

Obrigado pelo vosso serviço! E recordai-vos de rezar também por mim. Obrigado.



## O embaixador da Turquia apresentou as credenciais



*Na manhã de 22 de março o Papa Francisco recebeu em audiência Sua Excelência o senhor Lütfullah Göktaş, novo embaixador da Turquia, para a apresentação das cartas com as quais é acreditado junto da Santa Sé*

Sua Excelência o senhor Lütfullah Göktaş, novo embaixador da Turquia junto da Santa Sé, nasceu a 16 de dezembro de 1963 em Balıkcıçeme/Biga. É casado e tem dois filhos.

Formou-se em teologia e filosofia do islão na universidade de Marmara e obteve um master em história das religiões na faculdade de missiologia da Pontifícia universidade Gregoriana. Desempenhou, entre outros, os seguintes cargos: professor de liceu em Şanlıurfa (1986); leitor de língua árabe no Centro cultural árabe da Líbia em Istanbul (1986-1988); jornalista freelance em Istanbul (1986-1990); jornalista freelance em Roma (1990-1998); jornalista e correspondente na Itália para o canal televisivo turco NTV (1998-2011); jornalista e correspondente na Itália para a agência de imprensa turca Anadolu Ajansı (2003-2011); conselheiro e chefe de departamento de imprensa do Conselho dos ministros da República da Turquia (2011-2014); conselheiro e chefe de departamento de imprensa da Presidência da República da Turquia (2014-2019).



*Com frequência cada vez maior a prevenção e os tratamentos médicos «tornam-se prerrogativas de quem goza de um determinado teor de vida». Por isso é preciso que «o sistema de saúde garanta a todos assistência e prevenção, como direitos da pessoa», sobretudo quando se trata de crianças, frisou o Pontífice no discurso que entregou à Federação italiana de médicos pediatras, durante a audiência realizada no dia 22 de março, na Sala dos Papas.*

Estimados irmãos e irmãs!

Dou-vos as minhas calorosas boas-vindas, saudando a todos. Agradeço ao Presidente as palavras que me dirigiu.

Com a experiência amadurecida nestes quarenta anos de atividade, a vossa Federação apoia e tutela mais de 5.500 pediatras de família, oferecendo-lhes competência e assistência sob o perfil profissional e moral, na esfera de cuidados e da previdência social, e também no âmbito jurídico e económico. Forneceis uma assistência em sentido amplo, necessária para seguir os vossos afiliados em todas as fases da sua vida profissional, e útil a fazer com que eles possam desempenhar com mais serenidade, e inclusive com mais competência, a sua tarefa delicada e essencial.

Já nos seus primeiros passos, a Federação distinguiu-se pelo contributo que deu para o nascimento do Serviço Nacional de Saúde, e nos anos realizou inúmeras iniciativas para a saúde das pessoas e o melhoramento dos serviços oferecidos aos cidadãos, estabelecendo acordos públicos e particulares, mantendo de modo autónomo e apartidário um ativo confronto com as partes políticas e sociais, e garantindo um controlo em muitos aspetos essenciais da saúde da criança e do adolescente.

A idade da qual vos ocupais, desde o nascimento até à adolescência, sem dúvida é a mais evolutiva da vida humana, e exige um conhecimento global sobre o corpo humano e as suas patologias. Pode tratar-se de compreender e gerir problemas cardio-circulatórios num recém-nascido ou do aparelho digestivo numa criança de dez anos, ou questões físicas e psíquicas ligadas à puberdade, e assim por diante.



À Federação italiana de pediatras o Papa recordou que a saúde é um direito

## Curas e prevenção até para quem não tem recursos

Esta gama muito ampla de competências exige quer uma aprofundada formação de base, quer uma constante atividade de atualização. Visam isto as muitas iniciativas formativas e de pesquisa que vos esforçais em preparar, com encontros, debates e congressos, que possam fornecer a vós, pediatras, os elementos para vos manter atualizados e, ao mesmo tempo, promover uma cultura mais capaz de tutelar a saúde das pessoas, em particular dos mais pequeninos. No nosso tempo, no qual as muitas comodidades e os progressos tecnológicos e sociais são pagos com um impacto cada vez mais invasivo sobre as dinâmicas naturais do corpo humano, torna-se urgente atuar um sério programa de educação para a saúde e estilos de vida respeitadores do organismo, de maneira que o progresso não seja em desvantagem da pessoa.

O vosso compromisso constante nos âmbitos da formação, da prevenção e da pesquisa foi reconhecido com o credenciamento da vossa Federação como sociedade científica. Que possais sempre trabalhar com seriedade e dedicação, tornando-vos promotores de uma cultura e saúde solidárias e inclusivas. De facto, no nosso tempo com frequência cada vez maior a prevenção e os tratamentos tornam-se prerrogativas de quem goza de um determinado teor de vida e por conseguinte pode pagar. Encorajo-vos a trabalhar a fim de que esta desigualdade não se acrescente às muitas que já afligem os mais débeis, e que o sistema médico garanta assistência e prevenção a todos, como direitos da pessoa. Com efeito, precisamente a atenção às pessoas, juntamente com a competência científica, é uma característica essencial do vosso profissionalismo, do qual é parte integrante também a capacidade de ouvir, compreender e inspirar confiança.

Em virtude da fé que recebestes, sois chamados a seguir como modelo de humanidade e dedicação aos outros a pessoa de Jesus, fonte de proximidade e de ternura. Lendo e relendo com frequência os textos do Evangelho nos quais Jesus encontra e cura os doentes, ficareis repletos de linfa sempre nova para o vosso ser e agir.

Antes ainda que com as crianças, o vosso trabalho põe-vos em relação constante com os pais, primeiros guardas e responsáveis pelos vossos pacientes. Eles não pedem só a vossa competência médica, mas procuram também uma segurança sob o ponto de vista humano, confiando-vos o que têm de mais querido.

Quanto à relação com as crianças que consultais, elas estão dotadas de antenas poderosas e captam imediatamente se estamos bem dispostos ou se, ao contrário, estamos distraídos, porque talvez gostaríamos de já ter terminado o

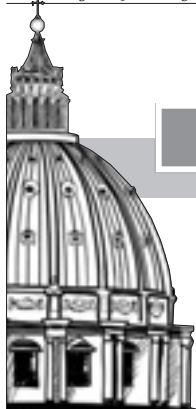
turno, ou apressamo-nos, ou de consultar um paciente que grita menos... Também vós sois homens e mulheres, com as vossas preocupações, mas sabemos que sois treinados para sorrir, o que é necessário para dar coragem e abrir um espaço de confiança nos mais pequeninos; e até os remédios desta forma são mais eficazes.

Quando tratamos com as crianças, tenhamos sempre em mente as palavras de Jesus que, num mundo no qual eram pouco consideradas, as indica como modelo de quem entra a fazer parte do Reino de Deus, porque compreende os seus segredos. Recordemos também a sua atitude singularmente atraente em relação a elas: apesar de não as chamar para si com convites nem com presentes, chamava-as com a força e a serenidade que brotavam da sua pessoa, de maneira que as crianças iam ter com Ele e Ele recebia-as.

O vosso ilustre colega e mestre, Doutor Franco Panizon, falava desta dedicação incondicionada. Dizia: «Nunca aconteça que pouseis a cabeça no travesseiro, se antes não tiverdes feito tudo o que está ao vosso alcance por elas!». Ele exortava os pediatras a ter uma parte, pequena mas importantíssima, ao escrever a cultura e, por conseguinte, a história do nosso tempo. Por isso convidava-vos a olhar para “mais além” isto é para além da doença e das contingências, além do momento presente, além da própria pessoa ou esforço. Dizia também: «Não penses só no hoje do teu paciente, mas pensa também no seu amanhã»; e ainda: «Não penses só nos teus pacientes, mas pensa também em todos os pacientes; não penses só nos presentes, mas pensa inclusive nos distantes e nos futuros».

Vivido com esta inspiração, o trabalho que realizais representa uma verdadeira missão, que envolve quer a mente quer o coração, e deste modo não conhece intervalos, pois mesmo que haja períodos de férias e pausas da atividade laboral, a vossa profissão acompanha-vos sempre, e envolve-vos por muito mais tempo e profundamente que durante as horas nas quais estais no lugar de trabalho.

Com este estilo, dais testemunho cristão, porque procurais praticar os valores evangélicos e o vosso sentido de pertença à Igreja; mas também para a vastidão do vosso olhar, para a capacidade de imaginar o contexto social e o sistema médico mais justos para o futuro, e para o desejo de vos pôr ao serviço, com humildade e competência, de cada pessoa que vos for confiada. Invocando a bênção de Deus sobre o vosso caminho associativo e sobre cada um de vós, peço-vos também uma oração por mim. Obrigada!



## INFORMAÇÕES

### Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

No dia 4 de abril

D. Silvio José Báez Ortega, Bispo Auxiliar de Manágua (Nicarágua); os Senhores Cardeais Seán Patrick O'Malley, Arcebispo de Boston (EUA); e Giuseppe Petrocchi, Arcebispo de L'Aquila (Itália); e D. Renzo Fratini, Nuncio Apostólico na Espanha e no Principado de Andorra.

Irmão Alois, Prior de Taizé.

No dia 6 de abril

O Senhor Cardeal Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos; D. Giacomo Morandi, Secretário da Congregação para a Doutrina da Fé.

Sua Ex.<sup>cia</sup> o Senhor Luiz Felipe Mendonça Filho, Embaixador do Brasil, em visita de despedida.

### Programa da viagem

## O Pontífice visitará a Roménia de 31 de maio a 2 de junho

O Papa irá a Roménia de 31 de maio a 2 de junho, aceitando o convite feito pelo presidente, pelas autoridades do Estado e pela Igreja católica local. A Sala de imprensa da Santa Sé publicou o programa da viagem apostólica.

O Pontífice partirá do aeroporto de Roma Fiumicino às 8h10 do dia 31 de maio. A chegada está prevista para às 11h30 ao aeroporto internacional de Bucareste, onde terá lugar a receção oficial. Em seguida o Pontífice irá ao palácio presidencial Cotroceni, no qual se realizará a cerimónia de boas-vindas, a visita de cortesia ao presidente da Roménia e dois encontros: um com o primeiro-ministro e outro com as autoridades, a sociedade civil e o corpo diplomático.

No início da tarde o Papa irá ao palácio do Patriarcado onde terá lugar um encontro privado com o patriarca. Em seguida, pronunciará um discurso ao sínodo permanente da Igreja ortodoxa romena. Seguirá um momento ecuménico com a recitação conjunta do Pai-Nosso na nova catedral ortodoxa de Bucareste. Depois o Papa irá à catedral católica de São José para a celebração da missa.

Na manhã de 1 de junho, Francisco irá de avião à cidade de Bacau e de lá, de helicóptero, ao santuário mariano de Şumuleu Ciuc, onde celebrará a missa. À tarde, de helicóptero, o Papa irá a Iaşi, onde visitará a catedral de Santa Maria Rainha e depois, no pátio adjacente ao Palácio da cultura, presidirá a um encontro mariano com a juventude e as famílias. A noite regressará a Bucareste.

No último dia o Pontífice irá de avião a Sibiu e do aeroporto da cidade localizada no coração da Transilvânia, irá de helicóptero a Blaj, capital espiritual da Igreja greco-católica romena. Ali, no Campo da liberdade, celebrará a divina liturgia com a beatificação de sete bispos greco-católicos mártires.

À tarde, antes de regressar ao aeroporto de Sibiu, o Papa encontrará-se com a comunidade Rom de Blaj. A seguir voltará para Roma, com chegada prevista às 17h30 ao aeroporto de Ciampino.

### Ereção de Prelazia territorial

Sua Santidade erigiu:

A 3 de abril

A Prelazia territorial de Santiago Apóstol de Huanacán (Peru), com território desmembrado das Prelazias territoriais de Ayaviri e de Juli, tornando-a sufragânea da Arquidiocese de Arequipa.

### Renúncias

O Santo Padre aceitou a renúncia:

No dia 5 de abril

De D. Fausto Gabriel Trávez Trávez, O.F.M., ao governo pastoral da Arquidiocese de Quito (Equador).

### Nomeações

O Sumo Pontífice nomeou:

A 1 de abril

Vice-Diretor da Direção de Saúde e Higiene do Governatorato do Estado da Cidade do Vaticano o Doutor Andrea Arcangeli, Médico especialis-

ta na mesma Direção de Saúde e Higiene e Responsável pela Unidade de Terapia Intensiva pós-operatória da Policlínica Agostino Gemelli em Roma.

A 2 de abril

Bispo de Ciudad Altamirano (México), o Rev.<sup>do</sup> Pe. Joel Ocampo Gorostieta, do clero da Diocese de Tachambaro.

*D. Joel Ocampo Gorostieta nasceu em El Paso de Tierra Caliente (México), no dia 21 de agosto de 1963. Foi ordenado Sacerdote a 15 de abril de 1989.*

A 3 de abril

Primeiro Bispo prelado da Prelazia territorial de Santiago Apóstol de Huanacán (Peru), o Rev.<sup>do</sup> Pe. Giovanni Cefai, M.S.S.P., Pároco da paróquia de São Pedro Apóstolo na Arquidiocese de Arequipa e Superior Regional da Sociedade Missionária de São Paulo no Peru.

*D. Giovanni Cefai, M.S.S.P., nasceu a 5 de agosto de 1967 em Żebbug (Gozo, Malta). Recebeu a Ordenação episcopal no dia 6 de dezembro de 1997.*

A 4 de abril

Arcebispo Metropolitano de Washington (EUA), D. Wilton Daniel Gregory, até esta data Arcebispo Metropolitano de Atlanta.

A 5 de abril

Arcebispo de Agaña (Guam), D. Michael Jude Byrnes, o qual sucederá a D. Anthony Sablan Apuron, O.F.M. Cap., que com a publicação, no dia 4 de abril, da confirmação da sentença de primeira instância, decisão inapelável, foi declarado culpado de delitos contra o Sexto Mandamento com menores.

Arcebispo de Quito (Equador), D. Alfredo José Espinoza Mateus, S.D.B., até agora Bispo de Loja.

A 6 de abril

Enviado Especial à celebração conclusiva do VI centenário da morte de São Vicente Ferrer, que terá lugar em Vannes (França), a 9 de junho, o Senhor Cardeal Dominique Mamberti, Prefeito do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica.

### Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

No dia 20 de março

D. Antonio Menegazzo, Bispo Titular de Mesarfelta.

*O venerando Prelado nasceu em Cittadella (Itália), no dia 13 de setembro de 1931. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 15 de junho de 1957. Foi ordenado Bispo em 3 de março de 1996.*

No dia 29 de março

D. Michele Russo, Bispo Emérito de Doba (Chade).

*O ilustre Prelado nasceu em San Giovanni Rotondo (Itália), a 30 de janeiro de 1945. Foi ordenado Sacerdote no dia 18 de março de 1970. Recebeu a Ordenação episcopal em 21 de maio de 1989.*

No dia 4 de abril

D. Gabriel Piroird, Bispo Emérito de Constantine (Argélia).

*O saudoso Prelado nasceu a 5 de outubro de 1932 em Lião (França). Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 27 de junho de 1964. Foi ordenado Bispo em 3 de junho de 1983.*

### Início de Missão de Núncios Apostólicos

D. Fortunatus Nwachukwu, em Santa Lúcia (20 de fevereiro).

## Intenção de oração para abril



Pelos «médicos e pelos seus colaboradores em zonas de guerra»: eis a intenção para o mês de abril que o Papa Francisco confiou à Rede mundial de oração através do site [www.thepopevideo.org](http://www.thepopevideo.org). «Oremos – foi o convite feito pelo Papa num vídeo com imagens de hospitais em territórios de conflito – pelos médicos e pelo pessoal humanitário presentes em zonas de guerra que põem em risco a própria vida para salvar a dos outros». De facto, acrescentou, «a presença dos médicos, dos enfermeiros e dos demais agentes no campo da saúde em zonas devastadas pelos conflitos é um sinal de esperança». São «pessoas sábias, corajosas, bondosas que, seguindo a sua vocação, trabalham em condições extremamente perigosas». Traduzido em nove línguas, o vídeo foi preparado para a Rede mundial de oração do Papa pela agência La Machi, que se ocupa da produção e da distribuição, em colaboração com Vaticano Media que cuidou da gravação.



## ANGELUS

O Papa comentou o trecho evangélico da adúltera perdoada

Deixar cair  
as pedras da difamação

«Esta cena convida também cada um de nós a ter consciência de que somos pecadores, e a deixar cair das nossas mãos as pedras da difamação e da condenação, da bisbilhotice, que às vezes gostaríamos de atirar contra o próximo», disse o Papa Francisco, comentando o episódio evangélico da mulher adúltera durante o Angelus recitado ao meio-dia de domingo, 7 de abril, com os fiéis reunidos na praça de São Pedro.

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Neste quinto domingo de Quaresma, a liturgia apresenta-nos o episódio da mulher adúltera (cf. *Jô* 8, 1-11). Nele contrapõem-se duas atitudes: por um lado, a dos escribas e dos fariseus e, por outro, a de Jesus. Os primeiros querem condenar a mulher, porque se sentem os tutores da Lei e da sua aplicação fiel. Ao contrário, Jesus quer salvá-la, porque Ele personaliza a misericórdia de Deus, que perdoadando redime, e reconciliando renova.

Portanto, analisemos o acontecimento. Enquanto Jesus ensina no templo, os escribas e os fariseus levam-lhe uma mulher surpreendida em adultério; põem-na no meio e perguntam a Jesus se se deve lapidá-la, como prescreve a Lei de Moisés. O Evangelista especifica

que eles levantaram a questão «para o porem à prova e para terem de que o acusar» (v. 6). Pode-se supor que o propósito deles era este — vede a malvadez daquelas pessoas: o “não” à lapidação teria sido um motivo para acusar Jesus de desobediência à Lei; ao contrário, o “sim” para o denunciar à autoridade romana, que tinha reservado para si as sentenças, e não admitia a linchagem popular. E Jesus deve responder.

Os interlocutores de Jesus estão fechados nos restringimentos do legalismo e querem fechar o Filho de Deus na sua perspectiva de juízo e de condenação. Mas Ele não veio ao mundo para julgar nem condenar, mas para salvar e oferecer às pessoas uma nova vida. E como reage Jesus diante desta prova? Antes de tudo, permanece por alguns instantes em silêncio, e inclina-se para escrever com o dedo na terra, como que para recordar que o único Legislador e Juiz é Deus, que tinha escrito a Lei na pedra. E depois diz: «Quem de vós estiver sem pecado, atire-lhe a primeira pedra!» (v. 7). Deste modo Jesus apela-se à consciência daqueles homens: eles sentiam-se “paladinos da justiça”, mas Ele chama-os à consciência da sua condição de homens pecadores, pela qual não po-



Paolo Veronese, “Cristo e a adúltera”  
(detalhe, The National Gallery, Londres)

dem arrogar-se o direito de vida ou de morte sobre um dos seus semelhantes. Naquele ponto, um após o outro, a começar pelos mais idosos — ou seja, aqueles que estão mais conscientes das próprias misérias — foram-se embora todos, renunciando a lapidar a mulher. Esta cena convida também cada um de nós a ter consciência de que somos pecadores, e a deixar cair das nossas mãos as pedras da difamação e da condenação, da bisbilhotice, que às

vezes gostaríamos de atirar contra o próximo. Quando falamos mal dos outros, lançamos pedras, somos como eles.

No fim, lá no meio só permanecem Jesus e a mulher: «A miséria e a misericórdia», diz Santo Agostinho (*In Joh* 33, 5). Jesus é o único sem culpa, o único que poderia lançar a pedra contra ela, mas não o faz, porque Deus “não deseja a morte do pecador, mas que ele se converta e viva” (cf. *Ez* 33, 11). E Jesus despede a mulher com estas palavras maravilhosas: «Vai e de agora em diante não tornes a pecar» (v. 11). E assim Jesus abre diante dela um caminho novo, criado pela misericórdia, uma vereda que exige o seu compromisso de não voltar a pecar. Trata-se de um convite válido para cada um de nós: quando nos perdoamos, Jesus abre-nos sempre um caminho novo para irmos em frente. Neste tempo de Quaresma, somos chamados a reconhecer-nos pecadores e a pedir perdão a Deus. E o perdão, por sua vez, enquanto nos reconcilia e nos concede a paz, leva-nos a recomençar uma história renovada. Toda a verdadeira conversão visa um futuro novo, um caminho novo, uma vida boa, uma vida livre do pecado, uma vida generosa. Não tenhamos medo de pedir perdão a Jesus, porque Ele nos abre a porta para esta vida nova. A Virgem Maria nos ajude a testemunhar a todos o amor misericordioso de Deus que, em Jesus, nos perdoa e renova a nossa existência, oferecendo-nos sempre renovadas possibilidades.

## Congregação para as causas dos santos

## Promulgação de decretos

A 6 de abril, o Santo Padre Francisco recebeu em audiência o Senhor Cardeal Angelo Becciu, Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, durante a qual o Pontífice autorizou a mesma Congregação a promulgar os seguintes decretos relativos:

— ao milagre, atribuído à intercessão do Venerável Servo de Deus Donizetti Tavares de Lima, Sacerdote diocesano; nascido em 3 de janeiro de 1882 em Cássia (Brasil) e falecido no dia 16 de junho de 1961 em Tambaú (Brasil);

— às virtudes heroicas do Servo de Deus Carlos Cavina, Sacerdote diocesano, Fundador da Congregação das Filhas de São Francisco de Sales; nascido em Castel Bolognese (Itália) a 29 de agosto de 1820 e falecido no dia 15 de setembro de 1880 em Lugo (Itália);

— às virtudes heroicas do Servo de Deus Rafael de Sant’Elia a Pianisi (no século: Domenico Petruccelli), Sacerdote professo da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos; nascido em Sant’Elia a Pianisi (Itália) no dia 14 de dezembro de 1816 e ali falecido a 6 de janeiro de 1901;

— às virtudes heroicas do Servo de Deus Damiano de Bozzano (no século: Pio Giannotti), Sacerdote professo

da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos; nascido em Bozzano (Itália), a 5 de novembro de 1898 e falecido em Recife (Brasil), no dia 31 de maio de 1997;

— às virtudes heroicas do Servo de Deus Vittorino Nymphas Arnaud Pagés (no século: Agostino), Irmão professo do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs; nascido em Onzillon (França), no dia 7 de setembro de 1885 e falecido em San Juan de Puerto Rico (Porto Rico), a 16 de abril de 1966;

— às virtudes heroicas da Serva de Deus Consolata Betrone (no século: Pierina Lorenzina Giovanna), Monja professa das Clarissas Capuchinhas; nascida em Saluzzo (Itália), no dia 6 de abril de 1903 e falecida em Moriondo (Itália) a 18 de julho de 1946;

— às virtudes heroicas do Servo de Deus Nelson Santana, Leigo; nascido em Ibitinga (Brasil), no dia 31 de julho de 1955 e falecido em Araraquara (Brasil), a 24 de dezembro de 1964; e

— às virtudes heroicas da Serva de Deus Gaetana Tolomeo, conhecida como “Nuccia”, Leiga; nascida em Catanzaro (Itália), a 10 de abril de 1936 e ali falecida no dia 24 de janeiro de 1997.